

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Letras

**Análise da estrutura das orações relativas no português
falado de Belo Horizonte: uma abordagem variacionista**

Regiane Viana de Oliveira Silva

Belo Horizonte
2011

Regiane Viana de Oliveira Silva

Análise da estrutura das orações relativas no português falado de Belo Horizonte: uma abordagem variacionista

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC/MG, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa, sob orientação do Prof. Dr. Marco Antônio de Oliveira

Belo Horizonte
2011

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

S586a Silva, Regiane Viana de Oliveira
Análise da estrutura das orações relativas no português falado de Belo Horizonte: uma abordagem variacionista / Regiane Viana de Oliveira Silva. Belo Horizonte, 2011.
102f. : Il.

Orientador: Marco Antônio de Oliveira
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Letras.

1. Língua portuguesa – Orações – Belo Horizonte (MG). 2. Mudanças linguísticas. I. Oliveira, Marco Antônio de. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDU: 806.90(81)-2

TERMO DE APROVAÇÃO

Regiane Viana de Oliveira Silva

Análise da estrutura das orações relativas no português falado de Belo Horizonte: uma abordagem variacionista

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

Orientador: Prof. Dr. Marco Antônio de Oliveira – PUC Minas

Prof^a Dr^a Vanda de Oliveira Bittencourt – UFMG

Prof. Dr. Milton do Nascimento – PUC Minas

Belo Horizonte, 11 de fevereiro de 2011

Dedico este trabalho àqueles por quem meu amor não é nada relativo:

Celso,
Aurélio,
minha família.

AGRADECIMENTOS

Ao final de um trabalho como esse, sempre há muitas pessoas a quem se deve agradecer, faço menção àquelas que foram absolutamente imprescindíveis para que eu concluísse esta dissertação.

Enquanto cristã que sou, agradeço primeiramente a Deus que me manteve firme nos momentos de maior tensão, que esteve comigo (e está sempre).

Agradeço também ao meu estimado orientador, Dr. Marco Antônio de Oliveira, pela forma como conduziu esta pesquisa. Obrigada por tudo, aprendi muito com você.

Agradeço a Capes, que me concedeu uma bolsa integral, permitindo assim que me dedicasse a este trabalho; ao programa de Pós-graduação da PUC-Minas, principalmente ao professor Hugo Mari, pela confiança e compreensão; aos professores que fazem parte da minha banca, por terem aceitado o convite.

Carinhosamente, agradeço aos meus pais, Jair e Alzira, que sempre me incentivaram em tudo o que fiz. Particularmente, à minha mãe, uma grande amiga, sem a qual jamais teria feito este mestrado. Obrigada por ter cuidado do Aurélio durante este tempo e ter dado a ele o carinho de que precisava. Só consegui estudar porque sabia que ele estava feliz na sua companhia.

Ao meu amado marido, José Celso, agradeço por me incentivar a ser sempre melhor do que sou. Obrigada pelos conselhos, pela sua compreensão, pelo seu amor e, principalmente, pela sua companhia.

Ao meu filho Aurélio, peço, primeiramente, desculpas pelas vezes que não pude brincar, pelas tardes que precisei levá-lo para a casa da Vovó “Zizira”, por não ter ido à pracinha nesses três anos jogar bola ou andar de bicicleta. Espero que um dia você entenda meus motivos. Obrigada por existir, por me fazer tão feliz e forte. Tenho aprendido muito sobre a vida com você.

Agradeço à minha família, meu refúgio, meu porto seguro, que sempre esteve presente. À minha avó, Alifa, pelo exemplo de vida que sempre nos deu; ao meu irmão, Ronaldo, por se mostrar tão confiante no meu sucesso, às vezes, até mais que eu; à minha cunhada Eliane, por estar sempre disposta a ajudar a todos; aos meus sobrinhos, Cayque e Arthur, por compreenderem os motivos da minha ausência. Agradeço ao apoio dos meus tios, em especial, ao tio Léo, tio Dionísio, tio Toninho e à tia Meri, e aos meus primos, Rômulo, Ronisson e Rodrigo, simplesmente por fazerem parte da minha história.

Não posso deixar de mencionar minha gratidão à D. Maria do Carmo, minha sogra, que muitas vezes se dispôs a ficar com o Aurélio para que eu estudasse. Estendo o agradecimento a toda família: cunhadas, concunhados e sobrinhos, pelos momentos de alegria que me proporcionaram.

Agradeço também à Tereza, minha amiga, que cuidou de mim, da minha casa, da minha família, que tolerou meu mau humor. Obrigada pelas orações.

À minha amiga Cris, que revisou este trabalho, pelas dicas maravilhosas e pela paciência, e ao meu amigo Paulo, que tão gentilmente se dispôs a fazer meu *abstract*.

Agradeço às meninas, Darinka, por me ajudar a utilizar o programa *Goldvarb*, e Nicolle e Fernanda, por terem cedido algumas transcrições do projeto *Descrição sócio-histórica do português de Belo Horizonte*.

Minha eterna gratidão a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

RESUMO

Foi estudada, nesta dissertação, à luz da Teoria da Variação ou Sociolinguística Variacionista, a variação no uso das três estratégias relativas presentes no português falado de Belo Horizonte: a forma padrão, preconizada pela gramática da norma culta, e as duas formas não-padrão, aqui chamadas de cortadora e resumptiva. As variantes padrão e cortadora foram consideradas concorrentes. A hipótese é que, diante de locuções prepositivas, a variante cortadora é favorecida, sendo considerada a forma de prestígio. Tal hipótese foi confirmada pela análise estatística dos fatores. A pesquisa contou com dados coletados em entrevistas feitas pelo projeto *Descrição sócio-histórica do português de Belo Horizonte*, coordenado pelo Prof. Dr. Marco Antônio de Oliveira, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Para análise, foram considerados fatores de natureza linguística (função sintática do NP cabeça e do NP relativizado, posição da oração relativa em relação à oração principal, distância entre o NP cabeça e a oração relativa, posição da lacuna na oração relativa, existencialidade, não-restritivismo e características semânticas do NP cabeça) e extralinguística (gênero, faixa etária, grau de escolaridade, classe social e estilo). A análise quantitativa foi feita pelo programa GOLDVARB (2001), que analisou a influência de dezenove grupos de fatores. Os resultados da análise estatística apontaram um condicionamento de ordem sintática para as variantes não-padrão.

Palavras-chave: *orações relativas; variação linguística; variáveis estruturais e não-estruturais.*

ABSTRACT

It was studied in this research, according to the theory of the variation or varied Sociolinguistics, the range of three relative strategies present in the Portuguese language spoken in Belo Horizonte: The Standard way demanded for the Grammar and two ways non-standard, called here of PP-chopping variant and resumptive variant. The standard and PP-chopping variant were considered contestant. The hypothesis is that, before prepositional phrases the PP-chopping variant is favored, being considered the way of prestige. This hypothesis was confirmed by the analysis of the statistics factors. The research counted with data collected from interviews made by the project called "Descrição Sócio-histórica do português de Belo Horizonte," coordinated by the professor Marco Antônio de Oliveira, from Pontifical Catholic University of Minas Gerais (PUC Minas). For analysis, were considered factors of linguistics nature (syntax function of Head NP and relativized NP, the position of the Relative Clause between the Main Clause, the distance of the Head NP and the Relative Clause, the position of the gap in the Relative Clause, existence, no restriction and semantics characteristics of the Head NP) and extralinguistics (gender, age, schooling, social class and style.) The quantitative analysis was done by The GOLDVARD program (2001), which analyzed the influence of nineteen groups of factors. The results of the statistics analysis showed an order conditioning syntactic variants for non-standard.

Keywords: *relative clauses, linguistics variations, variable structural and nonstructural.*

Lista de quadros

Quadro 1: Composição das células sociais.....	33
Quadro 2: Informantes da Classe A (trabalhadora).....	34
Quadro 3: Informantes da Classe B (média).....	34
Quadro 4: Codificação das variáveis independentes.....	38
Quadro 5: Grupo de fator (3) – Função sintática do NP cabeça.....	60
Quadro 6: Grupo de fator (4) – Função sintática do NP relativizado.....	62
Quadro 7: Grupo de fator (5) – Posição da relativa em relação à oração principal.....	63
Quadro 8: Grupo de fator (6) – Distância entre o NP cabeça e a oração relativa.....	64
Quadro 9: Grupo de fator (7) – Posição da lacuna na relativa.....	65
Quadro 10: Grupo de fator (8) – Existencialidade.....	66
Quadro 11: Grupo de fator (9) – Não-restritivismo.....	67
Quadro 12: Grupo de fator (10) – NP cabeça (+) humano ou (-) humano.....	68
Quadro 13: Grupo de fator (11) – Número do NP cabeça.....	69
Quadro 14: Grupo de fator (12) – NP cabeça definido ou indefinido.....	69
Quadro 15: Grupo de fator (13) – NP cabeça animado ou inanimado.....	70
Quadro 16: Grupo de fator (14) – NP cabeça genérico ou específico.....	71
Quadro 17: Grupo de fator (15) – Gênero.....	72
Quadro 18: Grupo de fator (16) – Faixa Etária.....	73
Quadro 19: Grupo de fator (17) – Escolaridade.....	74
Quadro 20: Grupo de fator (18) – Classe Social.....	76
Quadro 21: Grupo de fator (19) – Estilo.....	76
Quadro 22: Número, percentual de ocorrência e peso relativo da função sintática do NP cabeça em relação à variante padrão.....	81
Quadro 23: Número, percentual de ocorrência e peso relativo da função sintática do NP relativizado em relação à variante padrão.....	83
Quadro 24: Número, percentual de ocorrência e peso do fator existencialidade em relação à relativa padrão.....	85
Quadro 25: Número, percentual de ocorrência e peso do número do NP cabeça em relação à relativa padrão.....	85
Quadro 26: Número, percentual de ocorrência e peso relativo da função sintática do NP cabeça em relação à variante cortadora.....	87
Quadro 27: Número, percentual de ocorrência e peso relativo da posição da lacuna em relação à variante cortadora.....	88
Quadro 28: Número, percentual de ocorrência e peso relativo do fator existencialidade em relação à variante cortadora.....	89
Quadro 29: Número, percentual de ocorrência e peso relativo do número do NP cabeça em relação à variante cortadora.....	90
Quadro 30: Número e percentual de ocorrência do fator gênero em relação à variante cortadora.....	93
Quadro 31: Número e percentual de ocorrência do fator faixa etária em relação à variante cortadora.....	93
Quadro 32: Número e percentual de ocorrência do fator escolaridade em relação à variante cortadora.....	94
Quadro 33: Número e percentual de ocorrência do fator classe social em relação à variante cortadora.....	94

Lista de tabelas

TABELA 1: Frequência de uso das três estratégias de relativização em quatro períodos, considerando todas as posições sintáticas	51
TABELA 2: Frequência de uso das três estratégias de relativização em quatro períodos, considerando só SPs	51

Lista de figuras

Figura 1: Percentual de ocorrência das orações relativas.....	82
---------------------------------------------------------------	----

Lista de mapas

MAPA 1: Regionais administrativas de Belo Horizonte e bairros selecionados para realização das entrevistas.....	33
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----

Sumário

1 INTRODUÇÃO	14
2 AS ORAÇÕES RELATIVAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	19
2.1 O processo de relativização no Português Brasileiro.....	19
2.2 O movimento do termo <i>que</i> nas orações relativas-padrão e não-padrão	20
2.3 As orações relativas como um possível caso de variação linguística	23
3 METODOLOGIA	26
3.1 Origem do <i>corpus</i> obtido.....	26
3.1.1 <i>Procedimentos de coleta e de transcrição dos dados</i>	26
3.1.2 <i>A comunidade de fala examinada</i>	30
3.1.3 <i>O quadro de informantes</i>	33
3.2 O programa estatístico utilizado (<i>Goldvarb</i>).....	35
3.2.1 <i>Etapas observadas</i>	35
3.2.2 <i>Análise quantitativa e qualitativa dos resultados obtidos</i>	36
3.3 As estruturas relativas à luz de linhas teóricas diferenciadas.....	40
3.3.1 <i>A Sociolinguística Laboviana</i>	40
3.3.2 <i>Abordagens gerativistas e funcionalistas</i>	43
3.4 Resenha das propostas de análises consideradas.....	45
3.4.1 <i>Tarallo (1983): Variacionismo e Gerativismo</i>	46
3.4.2 <i>Kato (1993, 1996): Formalismo</i>	52
3.4.3 <i>Bastos (2008): Funcionalismo</i>	53
4 PARÂMETROS DE ANÁLISE	57
4.1 As variáveis estruturais	57
4.1.1 <i>Função sintática do NP cabeça</i>	58
4.1.2 <i>Função sintática do NP relativizado</i>	60
4.1.3 <i>Posição da oração relativa em relação à oração principal</i>	62
4.1.4 <i>Distância entre o NP cabeça e a oração relativa</i>	63
4.1.5 <i>Posição da lacuna na oração relativa</i>	64
4.1.6 <i>Existencialidade</i>	65
4.1.7 <i>Não-restritivismo</i>	66

4.1.8 Fatores semânticos.....	67
4.1.8.1 <u>Traço [+/- humano] do NP cabeça</u>	67
4.1.8.2 <u>Traço de número ([+] singular ou [+] plural) do NP cabeça</u>	68
4.1.8.3 <u>Traço [+/- definido] do NP cabeça</u>	69
4.1.8.4 <u>Traço [+/- animado] do NP cabeça</u>	70
4.2 Variáveis não-estruturais.....	71
4.2.1 <i>Gênero</i>	71
4.2.2 <i>Faixa etária</i>	72
4.2.3 <i>Escolaridade</i>	73
4.2.4 <i>Classe social</i>	75
4.2.5 <i>Estilo</i>	76
5 ANÁLISE DOS DADOS	77
5.1 Análise preliminar	77
5.2 Análise dos resultados para <i>padrão x não-padrão</i>	80
5.2.1 <i>Resultados apresentados pelo Varbrul</i>	81
5.3 Análise dos resultados para <i>padrão x cortadora</i>	86
5.3.1 <i>Resultados apresentados pelo Varbrul</i>	87
5.4 Análise dos resultados para <i>padrão x resumptiva</i>	91
5.5 Considerações sobre o panorama atual das relativas no PB	92
6 CONCLUSÃO	97
REFERÊNCIAS.....	100

1 INTRODUÇÃO

Ao longo dos séculos, os estudiosos vêm se preocupando em conhecer melhor algumas das principais características inerentes às línguas naturais que são a variação e a mudança linguística. Por sua vez, os estudos linguísticos calcados na Teoria da Variação laboviana tratam as línguas como sistemas ordenadamente heterogêneos. Nesses estudos, entende-se que, embora o sistema linguístico esteja constantemente em mudança, ele não é caótico.

Isso explica o fato de o falante utilizar, muitas vezes, mais de uma forma para expressar um mesmo fenômeno linguístico. O Português, por exemplo, apresenta variação no uso das orações relativas, que podem se realizar de três formas.

- (1-1) O quarto em que durmo é quente.
- (1-2) O quarto que durmo é quente.
- (1-3) O quarto que durmo nele é quente.

Situações como a citada acima despertam o interesse dos pesquisadores em descobrir o que leva a essa variação: o que faz um indivíduo, em um dado contexto, optar por uma das formas apresentadas. Brescancini já apontava em seu trabalho que:

A ideia de que a variabilidade é uma característica inerente a qualquer sistema linguístico conduz naturalmente à busca por uma explicação para o fato de o falante, ou o grupo de falantes, efetuar uma determinada *escolha* e não outra. (BRESCANCINI, 2002, p. 14)

Muitos linguistas têm buscado essa “explicação”, mostrando que a mudança linguística sofre forte influência do contexto social – não desconsiderando, é claro, as questões estruturais intrínsecas ao próprio sistema linguístico.

Seguindo esses pressupostos, na presente dissertação, procurei observar a variação no uso das orações relativas no Português falado de Belo Horizonte, utilizando como suporte teórico para este trabalho a Sociolinguística Variacionista. Assim, nos estudos que serão apresentados, foram considerados os fatores estruturais (intrínsecos ao sistema linguístico) e não-estruturais (extralinguísticos, de natureza social).

O objeto de estudo desta dissertação, as orações relativas, é definido por Bastos da seguinte maneira:

É denominado “oração relativa” aquele objeto linguístico que determina um núcleo nominal (um pronome ou mesmo uma outra oração que valha por uma nominalização) no qual ele se encaixa por meio do pronome relativo. (BASTOS, 2008, p. 11)

Para a Gramática Tradicional (GT) da Língua Portuguesa, a construção relativa é descrita como aquela que se inicia por um pronome relativo, o qual retoma um sintagma nominal antecedente e projeta-o na oração relativa. Podemos confirmar essa definição na citação de Ernani e Nicola:

As orações subordinadas adjetivas são aquelas que exercem a função sintática de adjunto adnominal, própria do adjetivo. Estão relacionadas a um nome da oração principal e vêm introduzidas por pronomes relativos – **que, quem, quanto, como, onde, cujo** (e flexões), **o qual** (e flexões) – que exercem diferentes funções sintáticas na oração por eles introduzida. (ERNANI; NICOLA, 2002, p. 184)

Essa estratégia, que é reconhecida pela GT, será tratada neste trabalho como relativa padrão.

Sabe-se que as orações relativas são sentenças das construções –Q, um conjunto de estruturas assim denominadas por conterem palavras do paradigma morfológico dos pronomes –Q (que, quem, qual, o que, onde, quando, como, quanto, cujo). Fazem parte desse conjunto não apenas as orações relativas, mas também as clivadas e as interrogativas, uma vez que todas elas são introduzidas por um dos pronomes citados.

É possível afirmar que as orações relativas são sentenças encaixadas que compartilham um termo (um nome) com a oração principal, como podemos observar no exemplo abaixo:

(1-4) Os alunos **que chegaram atrasados**¹ perderam a prova.

Na Língua Portuguesa, temos dois tipos de orações relativas: as que se estruturam em torno de um nome, chamadas relativas com núcleo nominal, alvo do estudo desta dissertação, e as que não possuem tal núcleo, chamadas de relativas

¹ Em negrito, temos a oração relativa, que compartilha com a oração principal o termo “alunos”. Na relativa, esse termo vem representado pelo termo “que”.

livres. O Português apresenta vários tipos de relativas com núcleo nominal, cada um deles formado por estratégias de construção diferentes.

Entre as relativas com núcleo nominal, além da variante padrão, temos mais duas outras estratégias que ocorrem no Português Brasileiro (PB) falado em Belo Horizonte: a variante copiadora/resumptiva e a variante cortadora. Estas estratégias são chamadas de não-padrão por não serem reconhecidas pela GT.

Muitos trabalhos já foram feitos sobre essas construções, como Mollica (1977) e Kato (1996). Para esta dissertação, no entanto, tomo como principal referência a tese de doutorado de Tarallo (1983).

A variante copiadora é aquela na qual se recorre a um pronome lembrete/resumptivo como recurso para preservar a gramaticalidade e evitar a ambiguidade do período:

- (1-5) Eu tenho um primo que ele é militar.
- (1-6) A moça que conheci ela na festa chegou.
- (1-7) O primo que eu falei dele mora em Alegre.
- (1-8) Esse é o primo que eu nunca briguei com ele.
- (1-9) Meu primo que a mulher dele está grávida é tenente.

Essa estratégia tem o nome de copiadora ou resumptiva por levar em consideração o pronome que aparece no espaço que, teoricamente, deveria ficar vazio.²

A literatura abordada, inclusive Tarallo (1983), constata que a variante copiadora pode ocorrer em qualquer posição sintática (*sujeito, objeto direto, objeto indireto, pronome oblíquo e genitivo*) – conforme apresentado nos exemplos acima –, mas é favorecida pelo *genitivo*. Essa estratégia parece ser estigmatizada pelos falantes de maior escolarização, como bem mostram os dados da pesquisa apresentada na *Gramática do Português culto falado no Brasil* (KATO; NASCIMENTO, p. 7, 2009). Os dados apresentados na referida gramática apontam uma baixa frequência desta estratégia, sendo 10 copiadoras em 701 dados (seis com o pronome em posição de *sujeito* e 4 em posição de *objeto direto*). O resultado,

² Falaremos mais sobre esse espaço vazio na seção 2.2, que trata do movimento do termo “que”.

segundo os autores, está relacionado com a alta escolaridade das pessoas que serviram de informantes para a pesquisa.

Por fim, temos a variante cortadora, que se apresenta como uma forma “quase-padrão”, uma vez que parece concorrer com a padrão. A estratégia cortadora não atende aos preceitos gramaticais, já que não respeita a regência do verbo da oração relativa, mas também não se mostra estigmatizada pelos falantes como a copiadora.³ A variante cortadora é favorecida pelas locuções prepositivas:

- (1-10) A moça que eu falei (de) (e) chegou.
- (1-11) Esse é o livro que trabalho (com) (e).
- (1-12) Esse é o aluno que conhecemos a mãe (de) (e).

Como podemos observar, o fenômeno aqui avaliado, as orações relativas, parece ser fortemente condicionado por fatores estruturais (posição sintática), o que levaria à ocorrência das estratégias não-padrão em todos os dialetos do PB. Não podemos deixar de considerar, no entanto, os fatores não-estruturais, já que uma estratégia parece ter maior prestígio que as outras e, ainda, porque uma delas aparenta ser estigmatizada pelos falantes.

Estudos como o de Tarallo (1983) já apontavam para o fato de haver no Português Brasileiro essas três estratégias de construção das orações relativas, sendo apenas uma delas reconhecida pela norma padrão.

De forma geral, as estratégias vernaculares (cortadora e copiadora/resumptiva), que não são reconhecidas pela GT, substituem a estratégia padrão, principalmente nos textos orais. No entanto, quando observamos essa variação na prática, podemos perceber que, cada vez mais, as variantes não-padrão parecem ocorrer também na modalidade escrita, como observou Mollica em seus estudos:

As construções queístas e cortadoras parecem estar gradualmente aumentando na modalidade escrita do português brasileiro a ser percebida em textos midiáticos de jornal em decorrência de tendência semelhante observada no português oral contemporâneo. (MOLLICA, 2006, p. 170)

³ Este tema será aprofundado no capítulo 5 deste trabalho, que trata dos resultados desta pesquisa.

Diante dessas observações, procurei estudar, nesta pesquisa, os condicionamentos intra e extralinguísticos envolvidos na escolha por uma das estratégias relativas no Português de Belo Horizonte, na modalidade oral.

Esta dissertação foi, portanto, organizada em 6 capítulos. O primeiro, a introdução, buscou situar o fenômeno observado, apresentando uma definição de oração relativa e mostrando sua ocorrência no PB sob a forma de três estratégias, divididas entre padrão e não-padrão. O segundo traz considerações preliminares para discussão das orações relativas, como a relativização no PB, o movimento do termo *que* e os fatores que parecem condicionar essa variação. O terceiro capítulo apresenta a metodologia, trazendo informações sobre a comunidade de fala, os informantes, o *corpus* e as análises realizadas. Ainda neste capítulo são apresentados o quadro teórico e a resenha bibliográfica. No quarto, estão explicitadas as variáveis estruturais e as não-estruturais. O capítulo 5 traz os resultados dos cálculos apresentados pelas análises quantitativas do programa *Goldvarb 2001*. O último capítulo, de número 6, por fim, apresenta as conclusões às quais cheguei a partir da interpretação dos dados obtidos por meio dos cálculos apresentados pelo programa estatístico.

2 AS ORAÇÕES RELATIVAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Neste capítulo, procurei trazer algumas discussões preliminares para avançar, posteriormente, no estudo das relativas. Serão abordados neste tópico questões referentes ao processo de relativização no PB, ao movimento do termo *que* nas relativas e aos fatores que condicionam essa variação. Foi traçado um breve panorama das relativas atualmente, salientando que a estratégia cortadora, a forma inovadora, parece superar a estratégia padrão em alguns casos.

2.1 O processo de relativização no Português Brasileiro

As orações relativas são, de maneira geral, classificadas pela gramática tradicional como subordinadas adjetivas. Isso se deve ao fato de serem interpretadas como adjunto adnominal da oração principal, o qual exerce o papel de um adjetivo.

A definição de Cunha e Cintra expressa essa classificação:

As ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS vêm normalmente introduzidas por um PRONOME RELATIVO, e exercem a função de ADJUNTO ADNOMINAL de um substantivo ou pronome antecedente. (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 601)

Os autores, no entanto, afirmam que os pronomes relativos, ao contrário das demais conjunções, exercem função interna nas orações por eles introduzidas:

[...] os pronomes relativos assumem um duplo papel no período com representarem um determinado antecedente e servirem de elo subordinante da oração que iniciam. Por isso, ao contrário das conjunções, que são meros conectivos, e não exercem nenhuma função interna nas orações por elas introduzidas, estes pronomes desempenham sempre uma função sintática nas orações a que pertencem. (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 344)

De maneira geral, seguindo a visão apresentada pela GT, poder-se-ia dizer que o pronome relativo tem a função de retomar o sintagma nominal antecedente, projetando-o na oração adjetiva. Ou seja, no processo de relativização do PB há um deslocamento do pronome *que* da direita da oração para a esquerda. Ao executar esse movimento, o pronome deixa uma lacuna na posição de onde foi movido, conforme exemplo a seguir:

(2-1) A casa que comprei (e) é grande.

O modelo de relativa, que segue os parâmetros estabelecidos pela norma gramatical culta, como foi mencionado na introdução desta dissertação, é chamado de variante padrão. Segundo Tarallo (1983), essa é uma estratégia que pode ocorrer em toda escala sintática, embora seja favorecida quando o NP cabeça assume as posições de *sujeito* e *objeto direto*. A seguir, temos alguns exemplos dessa variante:

(2-2) Os alunos que perderam a prova terão nova chance. (*sujeito*)

(2-3) Comprei um bolo que é um espetáculo! (*objeto direto*)

(2-4) Mariana gosta daquele doce que é feito em Caxambu. (*objeto indireto*)

(2-5) Saí com aquela mochila, com a qual eu ia à faculdade. (*oblíquo*)

(2-6) A casa deles, que são estudantes, é desorganizada. (*genitivo*)

Sabendo do movimento executado pelo termo *que*, da direita da sentença para a esquerda, podemos considerar que, diante de locuções que exigem preposição, o termo “arrasta” consigo essa preposição. Exemplo:

(2-7) A casa em que moro (e) é bonita.

Em Português, diante de locuções prepositivas, considera-se padrão o modelo de relativa apresentada no exemplo (2-7).

A próxima seção aborda de forma mais detalhada o movimento executado por esse termo.

2.2 O movimento do termo *que* nas orações relativas-padrão e não-padrão

Estudos feitos no âmbito do projeto *Relações Gramaticais no Português Brasileiro Falado* (RGPBF), coordenado inicialmente por Fernando Tarallo e Mary Kato, ambos da Unicamp, sendo conduzido apenas por Kato após a morte de Tarallo, consideram a existência dessas três variantes na língua oral. A *Gramática do Português culto falado* (KATO; NASCIMENTO, 2009) faz a seguinte consideração:

Em resumo, podemos classificar as relativas do PB em padrão e não-padrão. As primeiras são formadas pelo movimento de toda a expressão –Q (incluindo a preposição no caso dos constituintes preposicionados); as expressões –Q destas, às vezes, apresentam concordância de gênero e número (a qual, as quais) e traços semânticos como [\pm humanos] (quem, o que), [lugar] (onde), [modo] (como), [quantia] (quanto). As relativas não-padrão englobam dois tipos que, a rigor, não parecem ser formados por movimentos do pronome –Q. O primeiro tipo formado pela estratégia resumptiva ou copiadora tem um “que” na periferia esquerda da sentença relativa e um pronome resumptivo “in situ”. O segundo, a cortadora, tem apenas um “que” na periferia esquerda da sentença. (BRAGA; KATO; MIOTO, *op. cit.*, p. 05)

Como podemos perceber, as formas padrão e não-padrão poderiam ser diferenciadas quanto à estratégia de construção, mais especificamente quanto ao movimento realizado pelo termo *que*.

Esse movimento nas orações relativas parece ter relação com o movimento desse mesmo termo em outras construções –Q, como clivadas e interrogativas. Tal movimento parece não estar restrito a uma língua em particular, como o Português, mas sim ocorrer em outras línguas também, conforme ressaltou Chomsky (1977), dentro do modelo gerativista, demonstrando que o movimento do termo *que* não era uma particularidade do inglês. É possível, então, que esse movimento tenha relação com os paradigmas envolvidos na construção das orações que fazem uso desse termo.

Segundo a Gramática Gerativa, em sua formulação mais recente, as relativas podem ser consideradas um caso de adjunção, uma vez que não expandem a projeção de um núcleo sintático. Os adjuntos não recebem função temática de nenhum constituinte da sentença; realizando, apenas, um tipo de predicação. Segundo essa corrente teórica, a área à esquerda do sujeito (periferia esquerda) pode conter constituintes que desempenham a função gramatical de possibilitar o encaixe de uma sentença em outra, como ocorre nas demais construções –Q.

Nas relativas-padrão, conforme já mencionado no tópico anterior, temos que admitir que esse termo precisa se deslocar da direita da sentença para a esquerda. Ao executar esse movimento, deixa uma lacuna na posição de onde foi movido:

- (2-8) O supermercado em que fui () é muito careiro.
 (2-9) A equipe da qual faço parte () é competente.

Caso não ocorresse esse movimento, essas sentenças se tornariam agramaticais:

(2-10) * O supermercado fui em que é careiro.

(2-11) * A equipe faço parte da qual é competente.

O movimento do termo para o início da oração subordinada, arrastando consigo a preposição, no caso de ela ser exigida pelo verbo, dá origem ao que chamamos de relativa padrão, a qual ocorre principalmente na língua escrita. Como consequência desse movimento, surge uma lacuna na posição de origem. Em Português, salvo algumas exceções, não ocorre o movimento do *que*, deixando a preposição para trás (*pied-piping*).

Nos dois outros tipos de relativas com núcleo nominal, muito comuns no PB falado, não podemos garantir que exista esse movimento do pronome. Em uma das estratégias, a copidora ou resumptiva, não temos um espaço vazio, mas sim a presença de um pronominal ocupando essa lacuna:

(2-12) O supermercado que fui **nele** é careiro.

A ocorrência desse pronome resumptivo indica que não houve movimento, uma vez que não há nenhuma categoria vazia.

O terceiro tipo de relativa, que ocorre com locuções prepositivas, apresenta um *que* no lado esquerdo da sentença e uma categoria vazia, mas tem a preposição apagada *in situ*, ou seja, a preposição não acompanha o termo:

(2-13) O supermercado que fui é careiro.

Sendo assim, não podemos afirmar com certeza se houve movimento, já que no Português não é comum ocorrer o deslocamento do *que*, sem a preposição. Neste caso o termo funciona apenas como um complementizador, um cabeça da oração.

Nas duas últimas estratégias, resumptiva e cortadora, chamadas não-padrão por não serem reconhecidas pela gramática normativa, o *que* parece não realizar nenhum movimento da direita da sentença para a esquerda, e sim aparenta ser apagado. No caso da estratégia resumptiva, essa afirmação parece pertinente por não haver nenhuma lacuna na oração relativa; ainda há de se considerar que o termo *que* não poderia ser um pronome relativo, uma vez que, em Português, não ocorrem dois pronomes na mesma sentença com o mesmo referente sem que um

deles seja reflexivo. Já na estratégia cortadora, podemos pressupor que o pronome foi apagado *in situ*, quando constatamos que a preposição foi também apagada; como o *pied-piping* não é comum no Português, não podemos considerar o movimento do pronome sem estar acompanhado da preposição.

Tarallo (1983, p. 6) afirma haver um processo de movimento na relativa-padrão e, nas duas outras formas não-padrão, os processos seriam de apagamento, sendo a oração relativa introduzida por um complementizador invariável *que*, e a variável – o SN correferente – ou seria apagada *in situ* (variante cortadora) ou retida na forma de um pronome (pronome resumptivo).

Embora o foco dessa pesquisa não seja o movimento do termo *que* nas relativas, admite-se que o estudo desse movimento deve levar em conta o fenômeno maior que diz respeito às construções –Q no PB, ou seja, deve considerar o movimento realizado por esse termo em outras sentenças, como as clivadas e as interrogativas, além de considerar o desempenho desse termo em outras línguas.

2.3 As orações relativas como um possível caso de variação linguística

Ainda que vários estudos já tenham sido feitos para se pesquisar as orações relativas, acredita-se que este assunto está longe de se esgotar e, por esse motivo, a presente dissertação discorre sobre o tema. Nesta pesquisa, o objetivo principal é investigar os fatores que condicionam a variação entre as três estratégias, quando da escolha pelo falante, na comunidade de fala de Belo Horizonte.

Segundo Tarallo (1983), na segunda metade do século XIX, houve uma mudança significativa no sistema pronominal brasileiro, caracterizada pela inversão no preenchimento das posições de *sujeito* e *de objeto direto*. Passou-se a admitir, no PB, a presença de sujeitos pronominais (2-14) e objetos nulos (2-15):

(2-14) Deixa ele sair.

(2-15) Eu trouxe as provas e entreguei.

Em função dessa mudança, o preenchimento da posição de *sujeito* passou a ser favorecido em detrimento da posição de *objeto*, destoando completamente do Português Europeu (PE), que retém o *objeto* às expensas do *sujeito*.

Outra observação feita por Tarallo, ainda relacionada à mudança pronominal no PB, diz respeito à ausência dos clíticos. De acordo com a pesquisa do autor, os pronomes clíticos praticamente desapareceram da língua, dando origem, como já foi dito acima, aos sujeitos pronominais (2-14) e aos objetos nulos (2-15). Vejamos outro exemplo:

(2-16) Eu comprei os bombons e você os comeu.

A oração acima está em conformidade com a norma gramatical culta. As sentenças abaixo são versões possíveis da oração (2-16) no PB falado:

(2-17) Eu comprei os bombons e você comeu eles.

(2-18) Eu comprei os bombons e você comeu.

Segundo o autor, sentenças como (2-17) e (2-18) podem marcar uma previsão sobre qual a estratégia de relativização é mais provável de ocorrer, diferenciando a origem das duas variantes não-padrão.

Partindo dessa visão, Tarallo explica o pronome resumptivo por dois caminhos:

- a) ele pode resultar do baixo nível de regra de produção baseado na memória curta, conforme foi exemplificado em (2-17);
- b) ele pode constituir uma estratégia de relativização alternativa, associada com uma regra pronominal particular.

Já a estratégia cortadora tem apenas uma causa: ela é o resultado de uma mudança drástica no sistema pronominal, que começou no início do século XIX, referente ao cancelamento de pronomes, conforme exemplifica a sentença (2-18). Segundo o autor, o uso dos clíticos, naquela época, era praticamente zero na fala.

Além da influência da mudança do sistema pronominal no PB, outros fatores de ordem estrutural, como função sintática; e não-estrutural, como classe social, parecem influenciar a escolha do falante, conforme mostraremos no capítulo 5 deste trabalho.

Não podemos deixar de ressaltar, também, que a escolha pelas estratégias vernaculares diante de locuções propositivas pode ter relação com a operação complexa que o falante precisa realizar, já que nesses casos há um rompimento da

ordem canônica, determinado pelo deslocamento da preposição (da direita da sentença para a esquerda).

Estudos sobre relativas, numa ótica variacionista, como é o caso da tese de Tarallo (1983), mostram que há uma variante de prestígio (a padrão) e outra estigmatizada (a copiadora). Esse quadro nos possibilita, mais uma vez, reforçar a necessidade de investigar fatores não-estruturais ao estudar a variação presente nas relativas.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo, faço referência a toda metodologia empregada no desenvolvimento desta pesquisa, apresentando a comunidade de fala, os informantes e os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam o fenômeno estudado. Considerações sobre o pacote estatístico utilizado e as análises quantitativas e qualitativas realizadas também são feitas. São apresentados ainda o quadro teórico e uma resenha bibliográfica dos principais trabalhos que fundamentaram esta dissertação.

3.1 Origem do *corpus* obtido

3.1.1 *Procedimentos de coleta e de transcrição dos dados*

O material utilizado para análise foi constituído pela transcrição de entrevistas do projeto de pesquisa “Descrição sócio-histórica do Português de Belo Horizonte”, coordenado pelo professor Dr. Marco Antônio de Oliveira, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. O banco de dados deste Projeto é constituído por amostras de fala, gravadas e transcritas, de informantes nativos de Belo Horizonte. As entrevistas começaram em 2006 e estão sendo gravadas e transcritas até o presente momento. O projeto foi dividido em três etapas: Fonologia (2006/2007), Morfologia (2008/2009) e Sintaxe (2010/2011).

Os informantes do projeto são nativos de Belo Horizonte ou vieram para a capital com até dois anos de idade. Como a capital mineira é uma cidade de grande porte, tornava-se inviável, numa análise estatística, uma amostra proporcional ao número de habitantes; por isso, os pesquisadores do Projeto resolveram trabalhar com representantes de cada regional. Assim, garantiram uma amostra equilibrada, já que essa foi constituída pela fala de habitantes de toda a capital, conforme mostrará o mapa apresentado na seção 3.1.2.

O primeiro passo para iniciar minha pesquisa foi reunir entrevistas deste Projeto (transcrições de entrevistas) nas quais ocorressem o fenômeno observado.

Era necessário trabalhar com entrevistas, visto que o foco deste trabalho é a língua falada, em uso, da maneira mais natural possível (vernáculo). Feita a seleção, o *corpus* foi determinado. Trabalhei com um total de 343 *tokens*, gerados a partir das entrevistas de 11 homens e 10 mulheres, contabilizando 21 informantes. O tempo total de gravação foi 15 horas 19 minutos e 53 segundos.

Sabe-se da necessidade da pesquisa de campo nesses casos para tentar apurar o vernáculo: a forma real/natural das pessoas falarem, como ficou provado no trabalho de Milroy (1992). Por isso mesmo Belo Horizonte foi a comunidade de fala escolhida, como já mencionado anteriormente, por facilitar o reconhecimento da fala natural dos informantes, já que se tratava do meu próprio vernáculo.

Para um trabalho na linha variacionista, é importante que as entrevistas busquem, da melhor maneira, captar esses momentos mais espontâneos da fala. Sabemos também que é comum, durante o processo de entrevista, ocorrer o que Labov chamou de “paradoxo do observador”: tentar, numa situação artificial de gravação, capturar a fala espontânea, natural das pessoas. A fim de conseguir entrevistas nos moldes apresentados, os pesquisadores do Projeto utilizaram os métodos propostos por Labov⁴ para pesquisas de sociolinguística. Assim, com a intenção de capturar a fala espontânea, as entrevistas foram controladas, procurando desviar a atenção dos falantes em relação ao cuidado com a fala. Dessa maneira, os pesquisadores constituíram um banco de dados confiável.

Determinado o *corpus* e sabendo quais eram as entrevistas com maior ou menor formalidade – informações repassadas pelos dados da entrevista registrados pelos pesquisadores – foi possível selecionar o grupo de informantes com o qual trabalhei (que será apresentado no tópico 3.1.3), levando em consideração para a escolha dos indivíduos principalmente os fatores não-estruturais, estabelecidos para a análise do fenômeno observado. Seguem, abaixo, as variáveis não-estruturais avaliadas e a justificativa de sua importância para a pesquisa.

- Estilo/idade/classe social

Sabe-se, de acordo com os estudos de Chambers (1995), que essas variáveis têm estreita relação entre si e que podem afetar a fala dos informantes. Há variação

⁴ Para demais informações a respeito de técnicas para entrevistas no campo da variação e mudança linguística, ver o artigo “Field methods used by research project on linguistic change and variation” (LABOV, 1984).

linguística em função da idade, já que cada geração tem sua maneira própria de falar (aliás, essa é uma forma de distinguir grupos, que costumam usar um mesmo padrão de linguagem para se auto-afirmar como grupo). A classe social sofre interferência ainda do grau de escolaridade (educação) e do tipo de ocupação do informante. Imagina-se que pessoas de classes sociais mais elevadas, de maior poder aquisitivo, tenham mais acesso à educação e, por isso, tenham uma fala mais próxima daquilo que é preconizado pela norma gramatical padrão. Em relação à profissão, segue-se o mesmo raciocínio: a profissão, que tem relação com o poder aquisitivo e, conseqüentemente, com o grau de instrução, padroniza, então, um determinado tipo de fala. Sendo assim, espera-se que um professor fale diferente da forma como fala, por exemplo, um guarda de trânsito, inclusive pelos jargões que soam próprios a cada profissão. Dessa forma, ao se avaliar a fala do informante, é necessário encaixá-lo em uma determinada geração e em uma classe social e, claro, verificar se a situação é formal ou informal.

- Gênero

Essa variável é importante porque, segundo a literatura, as mulheres usam menos variantes estigmatizadas e não-padrão do que os homens do mesmo grupo social e nas mesmas circunstâncias. [WOLFRAM (1969); LABOV (1972/1990); WOLFRAM FASOLD (1974); ROMAINE (1978); TRUDGILL (1983); CAMERON e COATES (1998), *apud* CHAMBERS (1995)]. No entanto, no mesmo trabalho de Chambers (1995), postula-se que as diferenças de fala entre homens e mulheres, normalmente, dizem respeito às diferenças de comportamento e dos papéis socioculturais. Sendo assim, não só o fator gênero deve ser avaliado, mas também o papel social. Poderíamos afirmar, então, que aquilo que determina as diferenças na fala entre homens e mulheres não seria apenas o gênero, mas a mobilidade social que cada um tem.

Outro requisito estabelecido na pesquisa era a naturalidade do falante, que deveria ter nascido em Belo Horizonte ou ter vindo para essa cidade ainda criança, conforme já mencionado anteriormente.

De maneira geral, os fatores não-estruturais ficaram divididos da seguinte forma:

a) Gênero:

- Homens
- Mulheres

b) Faixa etária:

- Até 25 anos
- 26 anos a 49 anos
- 50 anos acima

c) Grau de escolaridade:

- Ensino fundamental/médio
- Ensino superior

d) Classe social:

- Classe A (trabalhadora)
- Classe B (média)

e) Estilo:

- Formal
- Informal

Para o estudo da variação nas relativas, ainda foram consideradas as seguintes variáveis estruturais :

- a) a função sintática do NP cabeça e do NP relativizado (*sujeito, objeto direto/indireto, pronome oblíquo ou genitivo*);
- b) a distância entre o NP cabeça e a oração relativa;
- c) a posição da lacuna na oração relativa;
- d) a existencialidade da oração principal;
- e) oração principal restritiva ou não.

Também foram observados os seguintes fatores semânticos:

- a) se o NP cabeça é + ou – humano;
- b) se o NP cabeça está no singular ou plural;
- c) se o NP cabeça é definido ou indefinido;
- d) se o NP cabeça é animado ou inanimado;
- e) se o NP cabeça é um nome genérico ou específico.

O estudo detalhado dos fatores estruturais e não-estruturais será feito no capítulo 4.

Como este é um trabalho em que se prevê variabilidade linguística, na qual a escolha por uma das variáveis dependentes da oração relativa não ocorre simplesmente por opção do falante, mas obedece a um padrão sistemático regulado por regras variáveis que se mesclam aos elementos do ambiente linguístico e do contexto social; um pacote estatístico foi utilizado para quantificar as ocorrências linguísticas a serem analisadas, já que essas não podem ser meramente “contadas”. O programa utilizado para essa finalidade foi o *Goldvarb 2001*, que tem longa tradição em pesquisas de sociolinguística.

3.1.2 A comunidade de fala examinada

A população pesquisada neste trabalho é a de Belo Horizonte, conforme mencionado na seção anterior. Um dos motivos, aliás, o principal, para a escolha dessa capital foi o fato de eu ter nascido na região metropolitana e, por isso mesmo, conhecer bem a dialeto estudado.

O Português de Belo Horizonte possui características singulares, quer seja pelo estágio de seu desenvolvimento (por volta de 110 anos), quer seja por sua composição social (pessoas vindas do interior do estado e também de outros países, principalmente Itália e Portugal). Até 1945, a população nativa de Belo Horizonte era minoritária.

Não temos, em Belo Horizonte, como é o caso de São Paulo, muitas pessoas vindas de outros estados, principalmente na fase de sua implantação, início do século XX. Nessa época, a cidade não oferecia tantos atrativos como agora pode oferecer.

Segundo estimativas do IBGE para 2009, a população dessa cidade seria de 2.452.617 habitantes, sendo a sexta cidade mais populosa do país.

A região metropolitana de Belo Horizonte é formada por 34 municípios, com uma população estimada, IBGE 2007, em 5.397.438 habitantes.

Para facilitar a administração da cidade, a prefeitura dividiu Belo Horizonte em setores administrativos, denominados regionais. Cada regional é constituída por

bairros, alguns muito antigos e outros mais recentes, os quais foram surgindo em função do processo de urbanização.

A cidade conta com uma malha viária e ferroviária integrada aos principais centros e portos do país, o que lhe confere importância econômica. A cidade também tem grande representatividade política, já que possui grande número de eleitores.

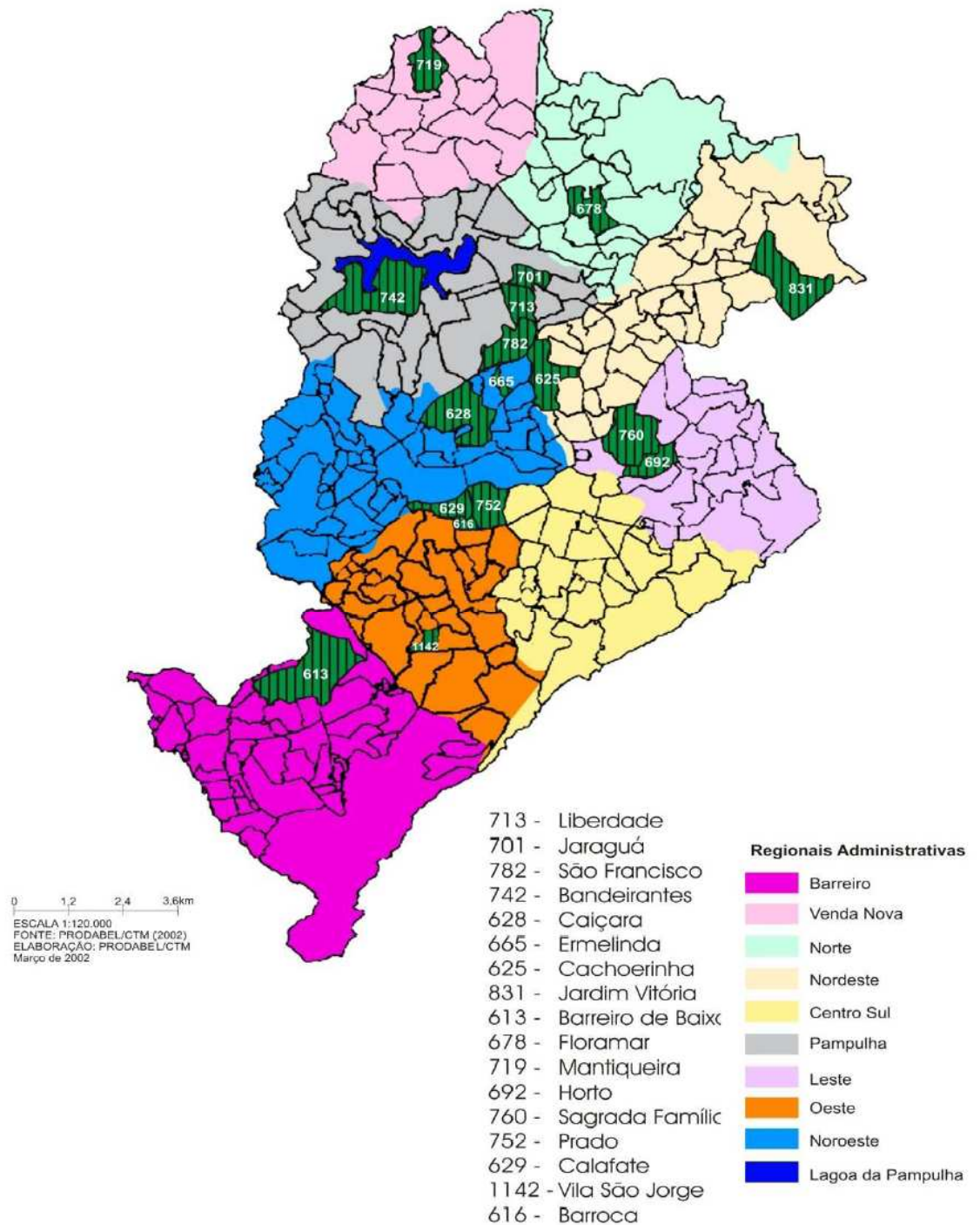
Segundo matéria publicada pelo *Portal Terra*, em 2008, Belo Horizonte já foi indicada pelo *Population Crisis Committee*, da ONU, como a metrópole com melhor qualidade de vida na América Latina e a 45ª entre as 100 melhores cidades do mundo.⁵

Seu Produto Interno Bruto (PIB) está entre os maiores do país e é considerada uma das melhores cidades da América Latina para se fazer negócios, de acordo com reportagem publicada pela revista *América Economia*, em 2009.⁶

A seguir, apresento um mapa indicando as regionais administrativas de Belo Horizonte e os bairros selecionados para a realização das entrevistas. Como será possível notar, o banco de dados utilizado nesta pesquisa é composto por informantes de todas as regiões de Belo Horizonte, o que faz a amostra ser representativa para a capital mineira.

⁵ PORTAL TERRA. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/turismo/roteiros/2000/10/29/000.htm>>. Acesso em: 20 jun. 2009.

⁶ PORTAL TERRA. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/turismo/roteiros/2000/10/29/000.htm>>. Acesso em: 20 jun. 2009.



MAPA 1: Regionais administrativas de Belo Horizonte e bairros selecionados para realização das entrevistas.

Fonte: PRODABEL/CTM 2002. Elaboração: Prodabel/CTM Março 2002. Disponível em: http://209.15.138.224/brazil_mapas/m_belo_bairros-regionais.htm Acesso em: 12 de julho de 2007.

3.1.3 O quadro de informantes

O *corpus* da pesquisa foi composto por entrevistas realizadas com 21 informantes, selecionados de maneira a equilibrar as células das variáveis não-estruturais (gênero, idade, grau de escolaridade, classe social e estilo). Para evitar problemas na análise estatística, foi necessário manter, no mínimo, dois informantes por célula – este também é um procedimento que evita idiosincrasias, fala individualizada, própria de uma determinada pessoa.

A seguir, apresento um quadro com a divisão dos informantes por célula.

Sexo	Idade			Escolaridade		Classe social	
	Até 25	26 a 49	+ 50	Fundamental e médio	Superior	Classe A	Classe B
Homens	4 AL JC RD JP	4 JK KR AX WD	3 AT WT RT	9 JK AX AL WD JC RT AT KR WT	2 RD JP	5 JK AL JC AT WD	6 RD KR WT JP AX RT
Mulheres	3 TN BR CR	3 AG AB SV	4 ZL MT CL GD	8 AG CL TN GD ZL SV MT BR	2 AB CR	3 AG TN BR	7 AB ZL MT CR SV CL GD

Quadro 1: Composição das células sociais

Na sequência, apresento mais dois quadros que trazem a divisão dos informantes por classe social, especificando a escolarização e a profissão de cada um deles.

Informante	Escolarização	Profissão
JK	Ensino fundamental completo	Vigilante
AL	Ensino fundamental incompleto	Vigilante

Informante	Escolarização	Profissão
JC	Ensino médio incompleto	Estudante (a mãe é doméstica)
AT	Ensino fundamental incompleto	Eletricista
AG	Ensino fundamental incompleto	Doméstica
TN	Ensino médio incompleto	Estudante (a mãe é auxiliar de enfermagem)
BR	1º grau incompleto	Estudante (a mãe é cabeleireira)
WD	Ensino médio completo	Vigilante

Quadro 2: Informantes da Classe A (trabalhadora)

Informante	Escolarização	Profissão
RD	Ensino superior incompleto	Estudante e técnico em Informática
KR	Ensino médio completo	Comerciante
WT	Ensino fundamental completo	Representante comercial
JP	Ensino superior incompleto	Professor
AX	Ensino médio completo	Tatuador (dono de uma empresa de tatuagens)
RT	Ensino médio completo	Comerciante
AB	Ensino superior completo	Bibliotecária e jogadora de vôlei
ZL	Ensino fundamental incompleto	Dona de casa (o marido era comerciante, dono de uma papelaria)
MT	Ensino médio completo	Aposentada (professora)
CR	Ensino superior incompleto	Estudante
SV	Ensino médio completo	Secretária
CL	Ensino médio completo	Técnica em nutrição
GD	Ensino médio completo	Aposentada (secretária do Dep.de Inf.da S. da Cultura)

Quadro 3: Informantes da Classe B (média)

3.2 O programa estatístico utilizado (*Goldvarb*)

3.2.1 Etapas observadas

Conforme já mencionado, o pacote estatístico utilizado nesta dissertação foi o *Goldvarb 2001*, que é uma versão para ambiente *Windows* do pacote de programas *VarbRul* – do inglês *Variable Rules Analysis*. Segundo Guy e Zilles:

Varbrul é um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística. A análise se chama 'multivariada' porque permite investigar situações em que a variável linguística em estudo é influenciada por vários elementos do contexto, ou seja, múltiplas variáveis independentes. A investigação mede os efeitos, bem como a significância dos efeitos, dessas variáveis independentes sobre a ocorrência das realizações da variável que está sendo tratada como dependente. (GUY; ZILLES, 2007, p. 105)

Assim, podemos dizer que o propósito do programa é separar, quantificar e testar a significância dos efeitos de fatores em uma variável linguística. Os fatores que condicionam a variação podem ser sociais ou linguísticos.

O programa *Goldvarb 2001*, idealizado por Steve Harlow, tomou como base a versão anterior, *Goldvarb 2.0* de Rand e Sankoff (1990) para *Macintosh*. A versão do programa de 2001 foi desenvolvida na Universidade de York, como um projeto colaborativo entre o Departamento de Língua e Linguística e o Departamento de Ciências da Computação (ROBINSON; LAWRENCE; TAGLIAMONTE, 2001). Por ser o programa um aplicativo .exe (executável) não necessita ser instalado. Também não requer outros programas para complementá-lo.

Sobre os resultados apresentados pelo programa, Onofre argumenta que:

Os resultados da análise obtidos através do *Goldvarb 2001* são evidências que vão auxiliar ao pesquisador confirmar ou não sua hipótese inicial. Assim, se um fenômeno linguístico tem seus grupos de fatores apontados como não significativos pelo programa, a hipótese é rejeitada/ se os grupos de fatores são significativos, mas a influência dos fatores não é como se previu no valor de aplicação, a hipótese também é rejeitada/ se os grupos de fatores são significativos e a influência dos fatores é como a prevista no valor de aplicação, a hipótese é confirmada. (ONOFRE, 2009, p. 1)

Sendo assim, podemos considerar que o Varbrul facilita a construção de um modelo quantificado dos processos linguísticos que controlam e produzem os padrões regulares da variação sociolinguística.

Para o cálculo dos possíveis efeitos sobre uma regra variável por meio desse programa, o pesquisador deve preparar os dados, obedecendo às seguintes etapas:

- a) definir a variável dependente;
- b) definir as variáveis independentes;
- c) obter os dados necessários à pesquisa;
- d) transcrever os dados e delimitar os trechos que serão analisados;
- e) codificar os trechos que serão analisados;
- f) quantificar os dados;
- g) interpretar os resultados.

Outras informações sobre o programa podem ser encontradas em Brescancini (2002) e Guy e Zilles (2007).

3.2.2 Análise quantitativa e qualitativa dos resultados obtidos

O momento de se analisar os resultados obtidos por meio dos cálculos estatísticos é de fundamental importância para a pesquisa, afinal, considerações sobre o fenômeno linguístico estudado serão feitas a partir da interpretação de números. Essa é uma tarefa complexa, pois o pesquisador deve levar em conta não apenas os princípios estatísticos, mas as teorias sociais e linguísticas que embasaram seu trabalho. Nesse estágio, é importante compreender e explicar os dados numéricos obtidos pelos cálculos do programa.

A variação do fenômeno observado é avaliada por meio da aplicação de uma regra linguística variável, considerando-se os contextos favoráveis à aplicação da regra, bem como aqueles que inibem tal aplicação.

Os contextos são considerados favoráveis ou não a partir da análise (quantitativa) dos fatores que favorecem ou inibem a aplicação dessa regra. Neste projeto, será observada a variação das orações relativas que podem manifestar-se segundo a forma padrão ou não-padrão. A análise quantitativa, nesse caso,

apresentará os contextos que favorecem ou inibem a realização das formas não-padrão, bem como aqueles que são neutros, os quais não favorecem nem tampouco as inibem.

Para realizar os cálculos necessários à análise quantitativa, o pesquisador deve, então, fornecer ao programa estatístico todos os grupos de fatores que devem ser considerados para a análise. O capítulo 4 traz maiores informações sobre os fatores considerados nesta pesquisa. O programa também precisa das ocorrências (*tokens*), ou seja, dos dados coletados e transcritos pelo pesquisador, nos quais ocorre o fenômeno observado.

Antes de serem lançados no programa, os tokens devem ser codificados, apresentando os fatores observados no trecho em análise. Cada fator observado recebe um código específico. Assim, o programa será capaz de reconhecer, em cada ocorrência, a presença dos fatores que foram estabelecidos no início da pesquisa. Os tokens devem ser digitados em um arquivo específico do programa.

A seguir, apresento um quadro com a codificação dos fatores e, na sequência, exemplos de codificação dos meus *tokens* para cada uma das variáveis estudadas. Vale ressaltar que a escolha dessas variáveis considerou a literatura sobre o assunto, a observação do fenômeno e, principalmente, o trabalho de Tarallo (1983).

Variável	Codificação
1. Variáveis dependentes	x - forma padrão y - formas não-padrão
2. Tipos de oração relativa	R – resumptiva C - cortadora P – padrão
3. Função Sintática do NP cabeça	S – sujeito D - objeto direto q - objeto indireto O - oblíquo G - genitivo 5 - termo de sentença com verbo de ligação
4. Função Sintática do NP relativizado	s – sujeito 3 - objeto direto e objeto indireto o - oblíquo g – genitivo
5. Posição da relativa em relação à oração principal	r - à direita i – interior

Variável	Codificação
6. Distância entre o NP cabeça e a oração relativa	0 - nenhuma intervenção 1 - alguma intervenção
7. Posição da lacuna na relativa	T - interior E - periférica
8. Existencialidade	X - oração existencial N - oração não-existencial
9. Não-restritivismo	V - oração restritiva Z - oração não-restritiva
10. NP cabeça (+) ou (-) humano	h - (+) humano j - (-) humano
11. NP cabeça no singular ou plural	l - singular p - plural
12. NP cabeça definido ou indefinido	e - definido n - indefinido
13. NP cabeça animado ou inanimado	a - animado m - inanimado
14. NP cabeça genérico ou específico	b - genérico c - específico
15. Gênero	H - homens M - mulheres
16. Faixa etária	U - até 25 anos W - 26 a 49 Y - 50 anos acima
17. Escolaridade	J - ensino fundamental/médio K - ensino superior
18. Classe social	A - classe trabalhadora B - classe média
19. Estilo	F - formal L - informal

Quadro 4: Codificação das variáveis independentes

Exemplos:

(3-1) Forma padrão

Polícia... polícia aqui direto... ah... comigo não faz nada, né? Porque até hoje as pessoas que eu vejo usa droga... anda com arma... tá solta até hoje. (xPS3i0ENVhpeabMUJAL)

- (3-2) Forma resumptiva
 [...] minha irmã Taís, a mais velha... o ano passado ela trabalhou de babá... para uma mulher que ela tava trabalhando e tinha um filho pequeno ainda. (yRqsi0TNZhnabMUJAL)
- (3-3) Forma cortadora
 Tem muita gente lá da sala que eu não conversava o ano passado. (yCD3r1EXZhnabMUJAL)

Após a codificação, os dados devem ser lançados no programa para execução das análises que geram os resultados. Diante desses resultados, o pesquisador deve reavaliar o sistema de codificação ou as hipóteses linguísticas utilizadas. Muitas vezes, devemos eliminar um fator, pois o programa mostra que tal fator é irrelevante para a aplicação da regra; outras vezes, precisamos amalgamar fatores, quando distinguimos, na codificação, os que não são estatisticamente diferentes, caracterizando, assim, um caso de redundância desnecessária na análise. Sobre esses arranjos, retomo a discussão no capítulo 5.

Após se identificar os grupos de relevância estatística, é necessário saber sobre a significância dos fatores dentro de cada grupo. Para tanto, o pesquisador deve recorrer ao cálculo do Qui-Quadrado, que é um teste de significância estatística. Esse teste mostrará a melhor análise, que usa menor número de fatores (e grupos) para explicar os dados.

O estágio de interpretação dos resultados é de muita importância. Brescancini faz importantes considerações sobre ele:

É importante observar que os valores numéricos relacionados aos fatores não respondem diretamente as perguntas que motivaram a pesquisa, mas funcionam como uma espécie de direção para se chegar até elas. A teoria linguística e o conhecimento da estrutura social da comunidade em exame, condutores iniciais da formulação das hipóteses de pesquisa, entram novamente em cena nessa etapa e atuam de modo decisivo na justificativa das tendências apresentadas pelos resultados numéricos. (BRESCANCINI, 2002, p. 24)

Os resultados referentes a essa pesquisa serão apresentados no capítulo 5.

3.3 As estruturas relativas à luz de linhas teóricas diferenciadas

3.3.1 A Sociolinguística Laboviana

Este trabalho segue a Teoria da Variação ou Sociolinguística Variacionista, também chamada de Sociolinguística Laboviana, desenvolvida por Labov, Brigh e outros, que teve início no final da década de 60.

A Sociolinguística Laboviana (SL), assim como outras teorias, relaciona língua e sociedade. O que, no entanto, diferencia a SL de outras teorias, que também relacionam língua e sociedade, é o objetivo. Para algumas correntes, o objetivo pode ser totalmente sociológico; para outras, parcialmente sociológico e parcialmente linguístico e, para as outras, totalmente linguísticos.

No primeiro grupo, dos estudos cujos objetivos são totalmente sociológicos, temos como exemplo a *Etnometodologia* (Garfinkel; Turner; Jefferson; Goffman; etc). Esta corrente tem interesse pelas regras sociais (intuitivas) que permeiam uma conversa. Durante uma interação social, fica claro o conhecimento intuitivo que as pessoas têm sobre a sociedade em que vivem, da forma como essa sociedade funciona e se organiza. O objetivo desse tipo de pesquisa é puramente sociológico e, por isso, não se qualifica como SL.

No segundo grupo, para qual os objetivos são parcialmente sociológicos e parcialmente linguísticos, há muitos tipos de estudos que possuem pequenas diferenças entre si e, muitas vezes, são confundidos com a SL. Podemos citar, entre eles: a *Análise da conversação* (Sacks; Schegloff; Sinclair; Couthard), que foca as regras linguísticas que regem a conversação; a *Etnografia da Fala* (Hymes; Bauman; Scherzer), que se interessa pelo papel da linguagem nas atividades comunicativas das comunidades de fala; a *Linguística Antropológica* (Haas; Berlin), cuja preocupação está nas estruturas e nos valores de uma sociedade; a *Sociologia da Linguagem* (Fishman; Gumperz; Mackinnon), que estuda a organização social do comportamento linguístico; e a *Psicologia Social da linguagem* (Lambert; Giles), que investiga o uso da linguagem na interação social sob uma perspectiva psicológica.

Já a Teoria da Variação, terceiro grupo, tem objetivos puramente linguísticos, os quais se baseiam no trabalho empírico sobre a língua no contexto social. São

relevantes para esses trabalhos questões ligadas à mudança linguística, à natureza das regras linguísticas, à forma da gramática, etc.

Assim, segundo Alkmim:

Pondo de maneira simples e direta, podemos dizer que o objeto da sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Seu ponto de partida é a comunidade linguística, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos. Em outras palavras, uma comunidade de fala se caracteriza não pelo fato de se constituir por pessoas que falam de um mesmo modo, mas por indivíduos que se relacionam, por meio de redes comunicativas diversas, e que orientam seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras. (ALKMIM, 2003, p. 31)

Nos trabalhos de linha Laboviana, o objetivo principal não é conhecer sobre a sociedade estudada, nem apenas relacionar fenômenos linguísticos e sociais, e sim estudar a natureza da variação linguística, na estrutura dos sistemas linguísticos, com a finalidade básica de construir uma teoria gramatical. Nessa corrente, a língua é tratada como um sistema, um fenômeno heterogeneamente ordenado, controlado por regras probabilísticas. Sendo assim, a variação presente na língua não é considerada livre, e sim controlada por fatores estruturais e não-estruturais.

A SL busca explicações para as escolhas dos falantes por uma forma e não outra, entendendo que os sistemas linguísticos estão em constante mudança – mas nem por isso são caóticos e, então, adotam a noção de “heterogeneidade ordenada”. Para a Teoria da Variação, as escolhas do falante obedecem a um padrão sistemático, regulado por regras variáveis sujeitas a fatores linguísticos e fatores sociais. Por isso, para explicar um fenômeno linguístico, essa teoria avalia os fatores internos (linguísticos) e os externos ao sistema linguístico (sociais). Os fenômenos linguísticos na SL são representados por meio de regras variáveis.

Segundo Guy e Zilles: “A análise de regra variável foi desenvolvida na linguística como forma de dar conta da variação estruturada, governada por regras, no uso da língua.” (GUY; ZILLES, 2007, p. 48)

Os métodos e as análises que fundamentam a SL partem dos seguintes conceitos básicos: (a) vernáculo; (b) comunidade de fala; (c) a noção de variável e variante linguística; (d) abordagem quantitativa; (e) princípio da explicabilidade; (f) delimitação do contexto da variável; (g) teste de hipóteses.

Uma pesquisa na linha variacionista deve, como primeira preocupação, determinar as variáveis que serão analisadas. Estas podem ser divididas em variáveis dependentes e independentes.

Nesta dissertação, como já mencionado, a variável estudada é a oração relativa. Tal variável possui três variantes, ou seja, pode se realizar de três maneiras diferentes: estratégia padrão, estratégia cortadora e estratégia resumptiva/copiadora. Como mostrado no capítulo 1, temos os seguintes exemplos:

- (1-1) O quarto em que durmo é quente. (estratégia padrão)
- (1-2) O quarto que durmo é quente. (estratégia cortadora)
- (1-3) O quarto que durmo nele é quente. (estratégia resumptiva)

Essas três estratégias representam as variantes/possibilidades contidas na variável dependente dessa pesquisa.

As variáveis independentes estão reunidas em um grupo de 20 fatores, divididas em variáveis estruturais (próprias do contexto linguístico) e não-estruturais (contexto social). Falaremos de forma detalhada sobre essas variáveis no capítulo 4.

A comunidade de fala também deve ser estabelecida como critério para a análise linguística numa pesquisa sociolinguística, já que, segundo essa teoria, língua e sociedade possuem estreito relacionamento. A comunidade linguística pesquisada neste trabalho é a de Belo Horizonte. Os informantes foram selecionados a partir de critérios específicos, que foram mencionados no tópico 3.2.

A análise quantitativa foi realizada por meio de um pacote estatístico (*Golvarb 2001*). Esse tipo de análise é de fundamental importância quando se lida com uma regra variável. Guy e Zilles fazem importantes considerações nesse sentido:

A realização de análises quantitativas possibilita o estudo da variação linguística, permitindo ao pesquisador apreender sua sistematicidade, seu encaixamento linguístico e social e sua eventual relação com a mudança linguística. A variação linguística, entendida como alternância entre dois ou mais elementos linguísticos, por sua própria natureza, não pode ser adequadamente descrita e analisada em termos categóricos ou estritamente qualitativos. Antes do advento da metodologia de quantificação, a variação linguística era considerada secundária, aleatória ou mesmo impossível de ser cientificamente apreendida. O uso de métodos estatísticos, contudo, tem permitido demonstrar o quão central a variação pode ser para o entendimento de questões como identidade, solidariedade ao grupo local, comunidade de fala, prestígio e estigma, entre tantas outras. (GUY; ZILLES, 2007, p. 73)

O fenômeno observado nesta dissertação não será explicado à luz da Teoria Gerativa, embora esta corrente pudesse explicar as formas não-padrão da oração relativa, como também a padrão, considerando o conjunto de regras internalizadas pelo falante e levando em consideração a forma como a mente processa o fenômeno. Esse foi o caminho escolhido por Kato, cujo trabalho tem orientação formalista.

3.3.2 Abordagens gerativistas e funcionalistas

O Gerativismo, que teve como principal precursor Noam Chomsky, no início da década de 50, defende que o ser humano traz consigo uma gramática própria, isto é, vem com o indivíduo e ganha forma a partir do seu desenvolvimento. Chomsky observa que a fala de um adulto serve como um modelo de regras para uma criança, para aquisição de sua própria linguagem.

O autor defende que a criança tem um dispositivo de aprendizagem para o qual ele dá o nome de DAL (Dispositivo de Aquisição da Linguagem) que é ativado e processa a partir de sentenças, dados, informações sobre a língua, o *INPUT*. A fala da criança, no entanto, está exposta ao meio social no qual ela está inserida, dessa forma, a criança em contato com a fala dos adultos de sua comunidade de fala seleciona regras desta língua que funcionarão como um modelo para ela e desativará aquelas que não serão utilizadas. A proposta defende que a criança tem uma gramática universal (GU), inata e que contém as regras de todas as línguas. A GU é a caracterização da faculdade da linguagem geneticamente determinada. Sendo assim, esta faculdade é um “mecanismo de aquisição da linguagem”, uma componente inata da mente humana que origina uma língua particular pela experiência vivida.

Todo ser humano possui uma competência linguística que é posta em prática, em uso, na produção de sentenças, resultando no que pode ser chamado de performance ou desempenho.

Para a perfeita distinção entre a língua e o processo de aquisição da linguagem, Chomsky distingue língua interna (língua-I) de língua externa (língua – E). A língua-I está configurada na mente do falante que conhece a língua e tem os princípios que geram as línguas naturais. O dispositivo de aquisição da linguagem

(DAL) permite a configuração da língua-I que é o objeto de estudo da gramática gerativa. Já a língua - E pode ser entendida como a gramática (em sentido amplo, geral) de uma língua particular. Ou seja, é o recorte que uma determinada língua fez da GU.

Os princípios e parâmetros mudam a concepção de uma gramática universal, devido ao fato dessa gramática ser formada por princípios “leis/regras” invariáveis, e que são aplicadas do mesmo modo em todas as línguas. Assim, os parâmetros ou “leis” se valem dos valores da língua, podendo prevalecer ou variar dentro da própria língua, dependendo da opção da criança dentro do *INPUT* (obedecendo ao valor que o parâmetro possa ter).

Podemos, então, definir os princípios como leis gerais, as quais valem para todas as línguas naturais. Já os parâmetros são propriedades que podem ou não se apresentar em uma língua, eles são os responsáveis pelas diferenças entre as línguas. Esses, por sua vez, são fixados no decorrer da aquisição da linguagem pela criança. À medida que os princípios e parâmetros são estabelecidos, vão se formando as gramáticas particulares de cada língua. Segundo Kato:

Para o gerativista, o objeto de estudo é postulado como o conhecimento inconsciente da língua. Esse conhecimento teria caráter intensional e não extensional como o conhecimento do léxico. O uso inconsciente da língua não é devido à internalização inconsciente de hábitos, mas sim porque nele se utiliza o conhecimento automático do sistema computacional da língua. (KATO, 1997, disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501997000200005)

Já o trabalho de Bastos, que, por sua vez, segue a corrente funcionalista, traz a seguinte definição para o modelo:

O Funcionalismo: concebendo a língua como instrumento de comunicação, o funcionalismo não admite que ela seja um objeto autônomo e imune às pressões da situação concreta de uso; vê-a como estrutura maleável, determinada justamente pelas contingências comunicativas. Ainda no plano teórico, o funcionalismo põe em dúvida uma série de postulados chomskyianos, como o inatismo, o poder criativo das regras gramaticais, a centralidade do componente sintático etc. No plano metodológico, passa-se a desconfiar tanto da eficácia e da extensão das regras inflexíveis, quanto da validade científica dos dados fornecidos pela intuição do falante/pesquisador. (BASTOS, 2008, p. 22)

Mais ao final de sua tese, Bastos ainda faz o seguinte comentário:

Os estudos linguísticos que se abrigam no quadro teórico do funcionalismo concebem a linguagem sobretudo como instrumento de interação social entre seres humanos socioculturalmente constituídos. Decorre dessa visão

o entendimento de que as necessidades comunicativas interferem de alguma maneira nas formas linguísticas. Convém asseverar, a esse respeito, que, embora as necessidades a comunicar possam ser as mesmas nas diferentes coletividades, isso não leva às mesmas respostas em termos de linguagem. Ou seja, cada coletividade responde de maneira diferente às mesmas necessidades e, por isso, as línguas naturais são diferentes. (BASTOS, 2008, p. 136)

A linguística funcional lida com dois tipos de regras:

- a) regras semânticas, sintáticas, morfológicas e fonológicas, as quais governam a constituição das expressões linguísticas;
- b) regras pragmáticas, as quais governam os padrões de interação verbal em que tais expressões são usadas.

Diante do quadro apresentado acima, podemos entender que para o funcionalismo as expressões linguísticas devem ser descritas e explicadas dentro de uma moldura dada pela interação verbal, postulando que a situação comunicativa motiva, restringe, explica ou determina a estrutura gramatical.

No Brasil, autores como Beatriz Decat, Maria Jussara Abraçado de Almeida e Maria Luiza Braga desenvolveram trabalhos importantes seguindo esse quadro teórico.

As correntes seguidas por Kato (Formalista) e Bastos (Funcionalista) são duas teorias que podem ser usadas de forma complementar para uma melhor compreensão dos fenômenos linguísticos, já que, ao se estudar esses fenômenos, importa tanto a forma (Formalismo) quanto o uso (Funcionalismo) de estruturas linguísticas quando entendemos a língua como um conjunto de estruturas de que o falante faz uso num determinado contexto social.

Dialogar com outros trabalhos sobre o mesmo fenômeno feitos sob orientação teórica diferente da que escolhi é enriquecedor, já que é possível comparar explicações diferentes para o mesmo fenômeno, o que pode ter um caráter, na medida do possível, complementar, e não excludente.

3.4 Resenha das propostas de análises consideradas

A seguir, serão apresentados alguns trabalhos representativos sobre o tema desta dissertação que trazem importantes considerações sobre o assunto. O primeiro trabalho a ser apresentado é a tese de Tarallo (1983), que influenciou

outros trabalhos na linguística sobre o estudo das orações relativas no PB, como o de Kato, apresentado na sequência. Esta propôs alguns reparos aos estudos de Tarallo, por meio da perspectiva dos Princípios e Parâmetros e de outras teorias como a de Roberts (1993) e Clark e Roberts (1992), *apud* BASTOS (2008). O recente trabalho de Bastos (2008), por sua vez, encerrará este tópico trazendo uma reflexão inovadora sobre as relativas, a partir da questão da posição correferencial dentro da oração relativa.⁷ É importante destacar que a tese de Tarallo é, pois, a principal referência desta dissertação.

3.4.1 Tarallo (1983): *Variacionismo e Gerativismo*

Na tese de doutorado de Tarallo (1983), referência para o estudo das relativas no PB, são descritas três estratégias de relativização na fala de indivíduos da cidade de São Paulo: variante da lacuna (*gap-leaving variant*), variante copiadora (*resumptive pronoun variant*) e variante cortadora do sintagma preposicionado (*p(repositional) p(hrase)-chopping variant*).

A primeira variante, a estratégia da lacuna, apresenta, superficialmente, semelhança com a forma padrão reconhecida pela GT. Essa variante é favorecida pelas funções sintáticas de *sujeito* e *objeto direto*, embora possa ocorrer em outras posições sintáticas. O exemplo para essa estratégia oferecido pelo autor é:

(3-4) Tem as_i que (e_i) não estão nem aí, não é? (TARALLO, 1983, p. 1)

Conforme se vê, há uma lacuna dentro da oração relativa. Tarallo interpreta essa lacuna de duas maneiras: poderia ter havido um movimento do termo *que*, da direita para a esquerda da sentença, ou apagamento do pronome cópia na posição da lacuna. A escolha por uma das interpretações está atrelada à gramática de realização da construção relativa. Consideraríamos a estratégia como não-padrão, se pensássemos na regra de apagamento da variável relativizada na posição de origem (*in situ*). A lacuna formada por esse apagamento manteria relação direta com o SN núcleo e o termo *que* seria tomada apenas como um preenchedor de COMP. Por outro lado, se a estratégia considerada fosse a padrão, teríamos o movimento

⁷ O estudo de Bastos foi feito sob a perspectiva funcional.

do sintagma *que* da direita da sentença para a esquerda, deixando uma lacuna no lugar de origem. Assim, haveria um compartilhamento da referência entre o antecedente, o pronome relativo e a lacuna. Nas duas formas (não-padrão e padrão), há uma lacuna, quer seja pelo apagamento de constituinte, quer seja por movimento de constituinte.

As interpretações da lacuna, nas funções de *sujeito* ou *objeto direto*, movimento ou apagamento, podem encontrar respaldo na Hierarquia de Acessibilidade de um dado SN ao processo de relativização (SU > OD > OI > OBL > GEN > OCOMP) proposta por Keenan & Comrie (1977). De acordo com esses autores, nenhuma estratégia pode começar a ser aplicada num certo ponto da hierarquia se for vetada nas posições mais altas. Por exemplo, não se pode, em nenhuma estratégia, começar a relativização de *oblíquo* para baixo. Por isso, não podemos postular apagamento só para *objeto direto*, deveríamos incluir também, por coerência tipológica, a função de *sujeito*.

A estratégia do pronome cópia, estratégia copiadora, é aquela que traz na oração relativa um pronome-lembrante, pronome-cópia, o qual mantém correfência com o SN relativizado na oração matriz. A estratégia parece ser favorecida pelo *genitivo*, embora essa variante ocorra em toda escala sintática.

Tarallo apresenta os seguintes exemplos:

(3-5)

- a. Você acredita que um dia teve uma mulher; que ela; queria que a gente entrevistasse ela pelo interfone?
- a'. Você acredita que um dia teve uma mulher que (e) queria que a gente a entrevistasse pelo interfone?
- b. Aí esse rapaz aí que eu conheci ele, ele estava lá na festa também.
- b'. Aí esse rapaz aí que eu conheci (e), ele estava lá na festa também.
- c. O André, que eu gosto dele, é mais bonito.
- c'. O André, de quem eu gosto (de e), é mais bonito.
- d. E um deles foi esse fulano aí, que eu nunca tive aula com ele.
- d'. E um deles foi esse fulano aí, com quem eu nunca tive aula (com e).
- e. Tem uns lá que eu não saio da casa deles.
- e'. Tem uns lá de cuja casa eu não saio. (TARALLO, 1983, p. 2-3)

Nos exemplos mostrados acima, podemos perceber que as posições relativizáveis no PB apresentadas por Tarallo seguem a Hierarquia da Acessibilidade, da qual já falamos anteriormente. As ocorrências apresentadas pelo autor vêm acompanhadas da forma padrão (n').

Segundo Tarallo, os falantes recorrem à variante copiadora como recurso para manter a gramaticalidade da sentença, (i.e.), não perder a “trilha” sintática da sentença.

Por último, temos a variante cortadora. Essa estratégia é a mais frequente no PB falado, diante de locuções prepositivas, sendo, por isso mesmo, favorecida pelas posições de *objeto indireto* e *oblíquo*. O sintagma preposicionado correferente do núcleo é apagado na oração relativa. Assim como a variante da lacuna, essa estratégia também deixa um espaço em branco; no entanto, o sintagma aqui apagado é preposicionado. Para essa variante, Tarallo dá os seguintes exemplos, acompanhados das versões na forma padrão:

(3-6)

- a. É uma pessoa que essas besteiras que a gente fica se preocupando (com) (e), ela não fica esquentando a cabeça.
- a'. É uma pessoa que essas besteiras com que a gente fica se preocupando, ela não fica esquentando a cabeça.
- b. O dedo indicador é o dedo que você dá bronca (com) (e).
- b'. O dedo indicador é o dedo com que você dá bronca.
- c. Uma mulher que nós batemos na porta (de) (e).
- c'. Uma mulher em cuja porta nós batemos. (TARALLO, 1983, p. 3-4)

Quanto à estratégia reconhecida pela GT, a padrão – variedade presente principalmente na escrita –, é importante salientar que ela se difere da cortadora no que diz respeito ao movimento do termo *que*. Na forma padrão, há movimento desse termo da direita para a esquerda da sentença nas funções de *sujeito* e *objeto direto*, conforme mencionado no início da seção 2.2 desta dissertação; e, nos casos de sintagmas preposicionados, aconteceria o deslocamento do termo *que*, acompanhado da preposição. Já na cortadora, não temos esse movimento do pronome acompanhado da preposição.

Após descrever o quadro das relativas no PB, Tarallo mostra que a diferença entre a forma padrão e as formas não-padrão está no movimento ou apagamento de constituintes. Para o autor, temos movimento do termo *que* (acompanhado pela preposição, nos casos de sintagmas preposicionados) na estratégia padrão e apagamento desse termo nas estratégias não-padrão.

Para as estratégias não-padrão, Tarallo postula: (i) apagamento do sintagma relativizado na posição de *sujeito* ou de *objeto* (pronome cópia) na estratégia da lacuna; (ii) apagamento do sintagma preposicionado relativizado na estratégia cortadora; (iii) apagamento da variável relativizável e posterior preenchimento por um pronome cópia, acompanhado por preposição se necessário, na estratégia copiadora.

O autor aproxima relativização e processos de pronominalização, inserindo o sistema de relativização num processo amplo de regras de apagamento das línguas *pro-drop*, aproximando a anáfora zero dos pronomes, em alguns contextos, com o apagamento de sintagmas nas estratégias não-padrão. Tarallo ainda demonstra que o pronome lembrete é um recurso universal e, em sua análise diacrônica, há afirmação de que a estratégia copiadora sempre deve ter existido na língua, conforme fica provado ao se constatar o registro dos pronomes lembretes em documentos medievais. Já a variante cortadora começa aparecer na língua na metade do século XIX.

Para Tarallo as construções não-padrão são mais produtivas que a padrão por não serem derivadas de movimento e, por isso mesmo, não sofrerem as restrições que sofrem as relativas-padrão, como a restrição de ilha sintática.

Ao descrever as estratégias não-padrão, Tarallo faz importantes considerações sobre a relativização no PB e o processo de mudança linguística. Sobre a copiadora, o autor afirma que os fatores significativos para o uso dos pronomes lembretes são:

- a) fatores semânticos: antecedentes (NP cabeça) + humano, no singular, definido;
- b) fatores sintáticos: lacuna distante do núcleo relativizado, orações relativas não-restritivas, posicionadas à direita da oração principal. O *sujeito* favorece a retenção pronominal mais que o *objeto direto*.

Segundo Tarallo, os fatores sintáticos são mais decisivos que os fatores semânticos para o uso da variante copiadora, como podemos constatar nesta afirmação:

[...] resumptive pronouns tend to occur when the speaker supposedly loses track of the syntactic processing path, i. e. when the latter acquires such unnatural, or deviated configuration [...] that the speaker resorts to pronominal retention in order to restore the syntax. [...] the retention of the pronoun turns that convoluted structure back into a normal phrase structure, and the relative marker *que* becomes a simple indicator of another independent clause about to be processed. (TARALLO, 1983, p. 101-102)

Tarallo também mostra que a variante cortadora predomina sobre a copiadora não por questões estruturais, mas por fator externo ao sistema linguístico, já que a variante copiadora é estigmatizada socialmente.

Em relação à estratégia cortadora, que é a forma inovadora, uma vez que até fins do século XIX o Português contava apenas com a forma padrão e a resumptiva, Tarallo atrela a variante ao desaparecimento dos clíticos no PB. Para isso, o autor explica que a cortadora surge no sistema linguístico como resultado da mudança pronominal ocorrida no século XIX. Antes da mudança mencionada por Tarallo, o *sujeito* podia ser apagado, em função da redundância pronominal nessa posição, enquanto o *objeto direto* não; assim como também não eram apagados sintagmas preposicionados. A partir do século XIX, ocorre a inversão: retenção na posição de *sujeito* e apagamento na posição *objeto direto*. Segundo autor, a relativa cortadora estaria ligada ao uso que o falante faz da elipse em outros contextos anafóricos, como a coordenação, fazendo, assim, parte de um processo mais amplo de escolha de elipse em lugar de substituição por uma pro-forma.

Abaixo, seguem as tabelas adaptadas por Bastos (2008, p. 81) que retratam os percentuais de frequência de uso das três variantes, segundo os estudos de Tarallo. Na primeira tabela, foram consideradas todas as posições sintáticas e, na segunda, excluíram-se as funções de *sujeito* e *objeto direto*, a fim de se analisar a frequência da cortadora, a qual só ocorre em sintagmas preposicionados.

TABELA 1
Frequência de uso das três estratégias de relativização em quatro períodos, considerando todas as posições sintáticas

TIPO DE ESTRATÉGIA	1725	1775	1825	1880
PADRÃO	95,7%	96%	96,9%	67,1%
COPIADORA	4,0%	3%	2,6%	5,0%
CORTADORA	0,3%	1%	1,5%	27,9%

Fonte: TARALLO, 1983, p. 206 (adaptada por Bastos).

TABELA 2
Frequência de uso das três estratégias de relativização em quatro períodos, considerando só SPs

TIPO DE ESTRATÉGIA	1725	1775	1825	1880
PADRÃO	89,2%	88,1%	91,3%	35,4%
COPIADORA	9,9%	7,9%	1,3%	5,1%
CORTADORA	0,9%	4,0%	7,5%	59,5%

Fonte: TARALLO, 1983, p. 207 (adaptada por Bastos).

A Tabela 1 mostra que, até o terceiro período, a estratégia cortadora era inexpressiva, concorrendo apenas padrão e copiadora. A mesma situação não se mantém no quarto período, em que temos um crescimento surpreendente da estratégia cortadora, a qual passa competir com a estratégia padrão. Quando retiramos as funções de *sujeito* e *objeto direto*, fica ainda mais claro que, diante de sintagmas preposicionados, a variante cortadora tem maior frequência que a padrão no último período.

Diante dos dados, Tarallo conclui que a competição padrão vs copiadora e padrão vs cortadora mantém o mesmo processo em foco: movimento (padrão) e apagamento (copiadora e cortadora).

3.4.2 Kato (1993, 1996): Formalismo

Os estudos de Kato (1993) e (1996), *apud* BASTOS (2008), têm abordagem teórica diferente da tese de Tarallo, já que a explicação de Kato encontra suporte na teoria formalista.

Segundo a teoria formalista adotada por Kato, as orações relativas fazem parte das construções –Q, como foi explicado na Introdução desta dissertação. O termo *que* (pronomes) desse tipo de oração, em muitas línguas, move-se para o início da sentença, deixando um espaço vazio no seu lugar de origem. Esse espaço vazio deixado pelo movimento do pronome é tomado, sintaticamente, como vestígio do termo movido, e é interpretado, semanticamente, como uma *variável lógica* que mantém relação com o elemento movido (*operador lógico*). Abaixo, segue o exemplo da autora, reproduzido em Bastos (2008, p. 82):

(3-7)	A cerveja de que _i operador	[o Pedro gostava v _i] variável
-------	-------------------------------------------	-----------------------------------------------

Para Kato, essa não é a única forma de apresentar a estrutura da sentença. Ela lembra que, em muitas línguas, a posição relativizada pode ser ocupada por um pronome pessoal (estratégia copiadora, levantada por Tarallo) ou manter-se vazia (estratégia cortadora). A autora reconhece que o PB falado conta com as duas formas.

A interpretação de Kato diferencia-se da que foi apresentada por Tarallo por entender que a diferença entre as estratégias de relativização padrão e não-padrão reside na posição em que se dá a relativização. No caso das **relativas-padrão**, a relativização ocorre a partir da posição canônica, ou seja, o deslocamento do pronome ocorre da direita para a esquerda da sentença.

Já nas estratégias não-padrão, teríamos o que os estudos formalistas chamam de *Left Dislocation (LD)*: um deslocamento do pronome a partir de uma posição não-canônica, da esquerda para a direita da sentença.

Para Tarallo, nas estratégias não-padrão não há deslocamento do termo *que*, mas sim apagamento, o que justifica a falta de efeito de ilha nas relativas com pronome-cópia. Já para Kato, o que permite que essa estrutura não sofra tal restrição sintática diz respeito ao fato de uma variável em LD ter a possibilidade de

manter uma relação de correferência com pronomes distantes, atravessando barreiras, não necessariamente mantendo uma ligação, mas sim referência (KATO, 1996, p. 228).

O trabalho de Kato é uma reinterpretação do estudo clássico de Tarallo (1983/85) sobre as relativas em uma perspectiva de princípios e parâmetros, usando ainda a teoria de Roberts (1993) e de Clark e Roberts (1992) sobre a aquisição e mudança sintática. Nele, a autora propõe:

- a) rever a análise categorial de COMP, postulando ser o *que*, em todas as três estratégias, um pronome relativo extraído de uma posição não-canônica;
- b) propor que a posição da variável presa a este pronome relativo é de deslocamento à esquerda (*Left Dislocation*), gerado na base;
- c) tratar o pronome resumptivo como co-referente à variável em LD;
- d) advogar que o pronome resumptivo pode ser nulo para o objeto direto e o possessivo de terceira pessoa;
- e) propor que a estratégia cortadora resulta efetivamente, conforme intuído por Tarallo, de uma regra de elipse, que, embora seja um processo que tem lugar no caminho para a Forma Fonética (FF) e não na sintaxe (cf. Chomsky e Lasnik, 1977), tem como *input* descrições estruturais em nível de estrutura-S, responsável pela parametrização;
- f) propor o contexto que propicia a reanálise causadora do aumento substantivo da relativa cortadora. (KATO, 1993, p. 226-267)

3.4.3 Bastos (2008): Funcionalismo

O recente trabalho, tese de doutorado, de Bastos (2008) traz importantes reflexões sobre o estudo das relativas não-padrão no PB. Esse estudo foi feito sob uma perspectiva funcional, com enfoque em Dik (1989, 1997) e Givón (1979, 1985, 1990), *apud* BASTOS (2008), e sua proposta central é a descrição funcional das construções relativas.

Segundo o próprio autor:

A pedra angular das construções relativas e que mobiliza maior parte deste trabalho é a questão da posição correferencial dentro da oração relativa. (BASTOS, 2008, p. 15)

Segundo Bastos, numa perspectiva funcional, a oração relativa faz parte da estratégia de identificação do referente, por isso, sua descrição prioriza fatores pragmáticos, já que essa estratégia não parece ser regulada por restrições gramaticais, mas sim discursivas.

O autor diferencia a relativa-padrão das relativas não-padrão (chamadas, por ele, de relativa de tema) pelo tipo de relação existente: para a primeira (padrão), a relação entre o antecedente e a oração é sintática; para a segunda (não-padrão), essa relação seria semântica e, sobretudo, pragmática.

Para Bastos, as formas não-padrão são orações relativas, porque auxiliam na recuperação de um determinado referente que o falante acredita ser de difícil acesso por parte do interlocutor. A abordagem do trabalho sugere uma descrição teórica de formas já discutidas por outros autores e de estruturas ainda não analisadas. A interpretação estrutural sugerida por Bastos nem sempre é a mesma descrita em outros trabalhos. O conjunto de dados utilizados por ele inclui sentenças de outros estudos e sentenças em que não há possibilidade ou necessidade de se postular uma variável anafórica. São exemplos de construções analisadas pelo autor:

- (3-8) [...] Lineu representa aquele brasileiro **que ainda não descreditou das instituições**, mas convive com a amoralidade de Agostinho **que, só de olhar a cara dele, o telespectador tem vontade de rir**. (OESP, 12/2005)
- (3-9) Se for o rapaz **que eu penso**, ele é muito correto. (CORRÊA, 1998, p. 23)
- (3-10) Conheço um cara **que você nunca viu ninguém mais engraçado do que ele**. (ec)
- (3-11) É um curso **que você precisa ter um conhecimento bom primeiro**.⁸ (ec)
- (3-12) [...] e por último [chegou] um rapaz (bandido), **que o garçom deixou a carteira encima da mesa que o bandido sentou**. (CORRÊA, *op. cit.*, p. 80 e 152)

No exemplo (3-8), temos duas relativas. A primeira é uma forma superficialmente idêntica à variante padrão, situação que se repete quando temos relativização de *sujeito* ou *objeto direto*, ficando uma lacuna na posição canônica. Casos como este não são do interesse de Bastos. O autor se interessa por sentenças como a segunda relativa, que é uma relativa explicativa de configuração sintática semelhante a de várias relativas restritivas examinadas. O antecedente desta oração está em correferência com “a cara dele” e, provavelmente, com a

⁸ Exemplo retirado de Pontes (1987, p. 13), para o qual a autora faz a ressalva de que o sentido não era “conhecimento bom das cadeiras optativas”, mas “conhecimento bom”.

posição de argumento do predicado “rir”. No entanto, a posição argumental pode também estar em correferência com “a cara dele”, ou seja, não haveria correferência propriamente.

Em (3-9), a posição em correferência com o antecedente fica ainda mais difícil de ser estabelecida. A correferência se daria na posição de complemento do verbo “pensar”, mas esse predicado parece predicar uma proposição, não um argumento nominal, ou seja, a interpretação mais coerente não seria “eu penso no rapaz”, mas “eu penso que ele é”.

No exemplo (3-10), não temos os mesmos laços sintáticos ligando relativa ao antecedente. Adequando essa oração à norma culta, veremos que é mais orientada para a sentença que para o discurso. Casos como esse foram chamados por Keenan & Comrie (1977) de “Objeto de comparação”.

O exemplo (3-11) volta à questão do problema de correferência. Fora de contexto temos uma interpretação de uma posição correferente ao antecedente (você precisa ter um conhecimento sobre esse curso), mas segundo Pontes, que coletou esse dado, não há anáfora.

Em (3-12), há duas orações relativas. O elemento que faz referência ao antecedente “rapaz (bandido)” aparece apenas na segunda relativa. Não há correferência na primeira. O discurso orienta a interpretação, sendo a retomada da referência na segunda relativa fundamental para interpretar a sentença como um todo.

Diante dos exemplos, é possível notar que Bastos procurou analisar a relação da ordem pragmático-discursiva entre o antecedente e a relativa. A descrição estrutural, apoiada no suporte teórico, apresentada pelo autor, é a seguinte:

[...] o SN antecedente apresenta uma entidade ou conjunto de entidades que orientará a interpretação da oração subsequente; esse referente é projetado na construção relativa pelo “que”, que ocupa a posição estrutural de Tema da oração. Como introdutor da relativa, então, esse morfema não marca uma relação gramatical, como é o caso na estratégia padrão; esse morfema pode ser visto como um marcador de função pragmática Tema, com estatuto gramatical de pronome relativo. (BASTOS, 2008, p. 159-160)

O autor ainda justifica sua classificação do *que* como pronome relativo com base nas funções pronominais que, segundo ele, o termo exerce: marca o processo de relativização e indica a fronteira entre o SN antecedente e a oração relativa (função sintática); compartilha o índice de referência com o antecedente e, às vezes,

com a posição sintática na relativa (elemento anafórico e catafórico – função semântica); indica para o ouvinte, como um sinalizador, uma informação relevante para auxiliar o acesso a um dado referente (função pragmática).

Bastos ainda afirma que:

Na oração em que a relativa se encaixa, o SN antecedente normalmente tem função sintática; na oração relativa, o “que” converte-o a Tema, que é função pragmática.

Se o que nós temos num contexto de relativização é Tema+oração, a gama de possibilidades é muito mais abrangente. Como se viu na Seção 6, as restrições hierárquicas e as restrições funcionais não têm sobre esse tipo de relação o mesmo peso que têm sobre a relação entre um constituinte de função gramatical e a oração relativa. (BASTOS, 2008, p. 160)

O autor encerra seus estudos propondo a seguinte configuração para o sistema de relativização do PB: variante padrão e não-padrão, sendo a primeira regulada por fatores gramaticais e a segunda por fatores discursivos.

Diante dos trabalhos de Tarallo, Kato e Bastos, que possuem orientações teóricas diferentes, estando o primeiro encaixado na teoria Sociolinguística, o segundo na Formalista e o terceiro na Funcionalista, a presente dissertação segue os pressupostos de Tarallo. Assim como o referido autor faz em sua tese de doutorado, a proposta desta dissertação é avaliar as influências linguísticas e extralinguísticas sobre o fenômeno analisado. Dessa forma, entende-se que o termo *que* possui comportamento de pronome apenas para a forma padrão, sendo considerado um complementizador para as formas não-padrão. Também parte-se do princípio de que exista movimento desse termo apenas para a forma padrão, caracterizando o apagamento do pronome nas formas não-padrão. Em linhas gerais, as explicações encontradas para a discussão do fenômeno seguem a abordagem variacionista.⁹

⁹ Os fatores discursivos apresentados por Bastos para as relativas não-padrão parecem bastante relevantes, embora não sejam alvo de estudo desta pesquisa.

4 PARÂMETROS DE ANÁLISE

O estudo de um fenômeno linguístico, segundo os princípios da Sociolinguística, leva em consideração fatores (variáveis) de ordem estrutural e social, conforme já mencionado anteriormente. Neste capítulo, apresento detalhadamente o grupo de fatores utilizados no estudo das relativas do PB falado de Belo Horizonte.

Na pesquisa, foi considerada como variável dependente a estrutura das orações relativas, as quais apresentam três variantes, três formas de realização, no PB falado de Belo Horizonte: variante padrão (reconhecida pela norma culta gramatical), variante cortadora e variante copiadora.

A variação em relação à escolha da estratégia a ser usada pelo falante, muito provavelmente, é condicionada por algum(ns) fator(es) linguístico(s) e/ou extralinguístico(s). Por isso, resolvi testar uma série desses fatores, alguns próprios do sistema linguístico (variáveis estruturais), outros de ordem social (variáveis não-estruturais), a fim de encontrar os que de fato influenciam nessa variação. Entre os fatores estruturais, foram considerados alguns aspectos semânticos das palavras relativizadas.

Este capítulo foi dividido em duas seções: 4.1, que trata das variáveis estruturais, incluindo as propriedades semânticas do NP relativizado, e 4.2, que trata das variáveis não-estruturais.

4.1 As variáveis estruturais

A análise sintática dos fatores estruturais, que serão apresentados a seguir, levou em consideração a função sintática tanto do NP cabeça, quanto do NP relativizado, além de considerar a distância entre o NP cabeça e a oração relativa, a posição da lacuna na oração relativa e o caráter de existencialidade e não-restritivismo das orações.

O estudo da função sintática do NP cabeça e do NP relativizado foi feito tomando por base a Hierarquia da Acessibilidade, proposta por Keenan & Comrie (1977), segundo a qual nenhuma estratégia pode começar a ser aplicada num certo

ponto da hierarquia se for vetada nas posições mais altas. Observaram-se, portanto, as posições sintáticas sugeridas pela Hierarquia da Acessibilidade (HA), com a finalidade de testar sua aplicação no estudo das orações relativas.

O trabalho de Bastos (2008) apresenta um contraponto a essa teoria, baseado na proposta de Dik (1997). O capítulo 6 da tese de doutorado do autor traz uma discussão interessante, ressaltando que a Hierarquia proposta por Keenan & Comrie (1977) considera como relevante a função sintática que o referente do SN vai desempenhar na oração relativa, mas, segundo Bastos: “[...] a condição básica para um determinado termo poder ser relativizado é ser uma entidade tópica com função pragmática Tema na oração relativa (BASTOS, 2008, p. 137).

Enfim, segundo os estudos de Bastos, como a HA atinge todas as posições sintáticas da estratégia não-padrão, deve haver outro critério para avaliar o alcance da relativização (BASTOS, 2008, p. 142), não apenas o sintático. Por isso mesmo, o autor sugere uma avaliação do ponto de vista pragmático.

4.1.1 Função sintática do NP cabeça

Foram consideradas as seguintes funções sintáticas para o NP cabeça: *sujeito*, *objeto direto*, *objeto indireto*, *oblíquo*, *genitivo* e uma categoria a que chamei de “*termo de sentença com verbo de ligação*”, estruturas nas quais não podemos dizer quem é o sujeito ou quem é o predicado (“A capital do Brasil é Brasília”).

A seguir, apresento exemplos, retirados do meu *corpus*, de sentenças das variantes padrão e não-padrão, que tomam as posições sintáticas citadas acima. Na amostra, não ocorreram casos de *genitivo*, assim como não ocorreram todas as escalas sintáticas para as três variantes. O fato de não ter ocorrido não significa, necessariamente, que não possa existir.

Variante padrão:

(4-1) Sujeito

As empresas que contratam bandidos... botam roupa e dão alguma orientação de segurança... e eles são programados pra roubar.

(4-2) Objeto direto

[...] nisso vinham dois elementos assim e limpava o sujeito que tava no chão e corria.

(4-3) Objeto indireto

É normal você lembrar hoje de coisa que te aconteceu no passado.

(4-4) Oblíquo

[...] toma cuidado com essas meninas que fica paquerando os homens lá.

(4-5) Termo de sentença com verbo de ligação

Todos os seguranças são bandidos que se apresentam [...]

Variante cortadora:

(4-6) Sujeito

A única coisa que eu não gosto quando eu vô meu avô... é que quando eu vô pra lá [...]

(4-7) Objeto direto

[...] eu tinha uma tia que eu gostava muito, né?

(4-8) Objeto indireto

[...] porque hoje eu estou gostando demais desse assunto que nós estamos falando aqui, sabe?

(4-9) Oblíquo

(4-10)

[...] aliás no lugar que eu nasci tinha umas vinte casas igual.

Variante resumptiva:

(4-10) Objeto direto

Tem uma menina na 501 que ela foi da minha sala na quarta série.

(4-11) Oblíquo

Depois eu vim aqui pra rua Calcedônia que ela passa aqui atrás.

Como já mencionado no início desta dissertação, minha referência foi a tese de doutorado de Tarallo. Para esse autor, algumas funções sintáticas do termo “cabeça da oração” poderiam causar dificuldade no processamento sintático da relativa, o que acarretaria na aplicação da estratégia do pronome resumptivo

(TARALLO, 1983, p. 75-76). A análise preliminar de Tarallo, porém, não confirmou esse pressuposto.

O quadro com a divisão dessa variável é apresentado a seguir:

Grupo de fator	Codificação
Grupo 3: função sintática do NP cabeça	S - sujeito D - objeto direto q - objeto indireto O - oblíquo G - genitivo 5 - termo de sentença com verbo de ligação

Quadro 5: Grupo de fator (3) – Função sintática do NP cabeça

Vale lembrar que o grupo 1 se refere às variáveis dependentes (padrão e não-padrão) e o grupo 2 ao tipo de relativa (padrão, cortadora e resumptiva).

4.1.2 Função sintática do NP relativizado

Foram consideradas as mesmas funções sintáticas do NP cabeça para o NP relativizado: *sujeito*, *objeto direto*, *objeto indireto*, *oblíquo* e *genitivo*.

Abaixo, seguem exemplos retirados do *corpus*:

Variante padrão:

(4-12) Sujeito

Então, isso eu acho que é um privilégio imenso de ver tantas pessoas, que(e_i) contam que lutou pra criar os filhos, lutou pra isso, né?

(4-13) Objeto direto

[...] teve 3 testes psicotécnicos... depois teve as provas... tinha 3 matérias, que eu nunca tinha visto (e_i).

Não ocorreu no meu *corpus* NP relativizado diante de termos preposicionados, por isso não coloquei exemplos de *objeto indireto* e *oblíquo*. Tal fato reforça a hipótese de que a forma cortadora parece ser mais comum que a forma padrão entre os falantes, principalmente na fala, diante de locuções preposicionadas.

Variante cortadora:

- (4-14) Objeto indireto
 [...] acho que em mil, uma era mais assanhada, tinha coragem de fazer isso_i que eu estou falando (e_i) né?
- (4-15) Oblíquo
 [...] tem uma menina da 502_i... que eu comecei a saí (e_i) esse ano...
 não tinha começado as aulas não.

Variante resumptiva:

- (4-16) Sujeito
 [...] eu tinha uma tia_i que ela (e_i) morava lá na barraginha, né?
- (4-17) Oblíquo
 [...] tem um parque_i aqui perto que eu vô nele (e_i) nos feriados da minha mãe.

É importante lembrar, como já discutido em capítulos anteriores, que a variante cortadora é um processo de deleção, e este apaga o pronome resumptivo. A estratégia cortadora é a variante que compete com a padrão, ocorrendo com maior frequência que a estratégia resumptiva, conforme será mostrado no capítulo 5.

Foi possível perceber, mesmo antes de observar os resultados da análise estatística, ao lidar com os *tokens* do *corpus*, que os grupos de fatores apresentados por Tarallo (1983) para a função sintática parecem ser relevantes. Separando os exemplos para serem utilizados nesta seção, não foi possível preencher todas as funções, porque nem todas são favorecidas por determinados ambientes linguísticos. Assim, as funções de *sujeito* e *objeto direto*, por exemplo, parecem favorecer a variante padrão, já que são muito recorrentes nessa posição; da mesma forma que as locuções preposicionadas parecem favorecer a cortadora. Quanto à resumptiva, podemos justificar a incidência baixa pela falta de *genitivo*.

A seguir, apresento um quadro que ilustra a codificação da variável em foco nesta seção:

Grupo de fator	Codificação
Grupo 4: função sintática do NP relativizado	s - sujeito 3 - objeto direto e objeto indireto o - oblíquo g - genitivo

Quadro 6: Grupo de fator (4) – Função sintática do NP relativizado

Inicialmente, havia separado as funções de objeto em direto e indireto; mas, depois da primeira rodada dos dados, notei que, por não haver nenhum NP relativizado com a função de *objeto indireto* para a forma padrão, havia ocorrido um nocaute, ou seja, a matemática de análise do programa inclui cálculos que, num dado momento, se procede a uma divisão pela fração de aplicações e, noutro, pela fração de não aplicações. Dessa forma, quando não há nenhuma ocorrência de uma variável, ou seja, *zero*, o programa não consegue calcular, já que não se pode dividir tal número. Assim, qualquer nocaute nos dados deve ser excluído. Outro fato, que contribuiu para a junção dos objetos, foi a baixa incidência de objeto indireto nas outras formas (cortadora e resumptiva). Diante desta realidade, esses fatores foram amalgamados em apenas um: função objeto. É importante destacar que para os cálculos padrão X cortadora, as posições objeto direto e objeto indireto foram mantidas, já que a hipótese considera o favorecimento de locuções prepositivas para a cortadora. Essa discussão será retomada no capítulo 5.

4.1.3 Posição da oração relativa em relação à oração principal

A oração relativa pode ocorrer à direita da oração principal ou no interior dessa sentença. Segundo Tarallo (1983), há maior probabilidade de ocorrer o pronome resumptivo quando a relativa está à direita da oração principal, desde que não exista nenhuma intervenção material entre elas. Exemplos:

- (4-18) Oração relativa à direita da oração principal
Aqui tem esses rapazes que ficam aí na portaria.
- (4-19) Oração relativa no interior da oração principal

Os bairro que tão dentro é urbano.

Segue o quadro que ilustra a codificação desta variável.

Grupo de fator	Codificação
Grupo 5: posição da oração relativa	r - à direita da principal i - interior da principal

Quadro 7: Grupo de fator (5) – Posição da relativa em relação à oração principal

4.1.4 Distância entre o NP cabeça e a oração relativa

Ao se avaliar este fator, a intenção foi a de investigar a relação entre a distância do NP cabeça e a oração relativa na escolha por uma das variantes (padrão e não-padrão). A princípio, para este fator, considere:

0 = nenhuma intervenção entre o NP cabeça e a relativa;

1 = uma (ou mais) orações relativas entre o NP cabeça e a relativa;

2 = intervenção material (- oração relativa) inserida antes do marcador da relativa *que*;

3 = intervenção material inserida dentro da relativa;

4 = NP cabeça inserido em um período com dois nomes, mas somente o primeiro nome da frase é marcado como co-referente.

As sentenças abaixo são exemplos para (0), (1) e (2).

- (4-20) Nenhuma intervenção entre o NP cabeça e a relativa
Porque tem gente que mora na cidade e não... Você sabe que tem um ano mais ou menos que entrei dentro do Palácio?
- (4-21) Uma (ou mais) orações relativas entre o cabeça e a relativa
Os governos nosso só fica falando tá bom tá bom para eles que tá em segurança que tem os capangas deles para tomar conta da família.
- (4-22) Intervenção material (- oração relativa) inserida antes do marcador da relativa *que*

Tem aquele mecânico lá da esquina... que também pode te dar informação.

No *corpus*, com o qual trabalhei, não ocorreram as opções 3 e 4; por isso, apresento sentenças do *corpus* de Tarallo para exemplificar.

- (4-23) Intervenção material inserida dentro da relativa
Tinha uma outra que era alemã, que não sei que cargas d'água ela saiu. (TARALLO, 1983, p. 80)
- (4-24) NP cabeça inserido em um período com dois nomes, mas somente o primeiro nome da frase é marcado como correferente
Aí teve um rapaz aqui de Jundiaí que ele levou umas balas, sabe? (TARALLO, 1983, p. 80)

Após as primeiras análises quantitativas, os fatores desse grupo foram reduzidos a dois: 'sem nenhuma intervenção' e 'com intervenção'; uma vez que, como foi mencionado acima, nem todas as posições apontadas na tese de Tarallo (1983) apareceram no meu *corpus*. Essa medida foi necessária para evitar novamente os nocautes. Retomo essa discussão no capítulo 5.

O quadro 8 apresenta a divisão desta variável.

Grupo de fator	Codificação
Grupo 6: distância entre o NP cabeça e a oração relativa	0 - sem nenhuma intervenção 1- com intervenção

Quadro 8: Grupo de fator (6) – Distância entre o NP cabeça e a oração relativa

4.1.5 Posição da lacuna na oração relativa

Tarallo cita o trabalho de Kroch e Hindle (1982) em sua tese. Nesse trabalho se afirma que há maior probabilidade de o pronome resumptivo ocorrer no interior da sentença relativa e não na posição final. Vale destacar que tal hipótese se confirma para o inglês, que admite uma relativa introduzida por “zero”, sem nenhum pronome; mas não podemos fazer a mesma afirmação para o Português, que não oferece essa alternativa.

Sendo assim, em função do processamento sintático do Português ser diferente do inglês, não podemos esperar que a posição da lacuna tenha um efeito significativo na aplicação da variante resumptiva.

Abaixo, temos exemplos de sentenças com a lacuna na posição interna e na posição periférica.

(4-25) Lacuna interior

[...] são poucas pessoas que(e) sabem disso...

(4-26) Lacuna periférica

[...] teve 3 testes psicotécnicos... depois teve as provas... tinha 3 matérias que eu nunca tinha visto (e).

A seguir, apresento o quadro com a codificação desta variável.

Grupo de fator	Codificação
Grupo 7: posição da lacuna na relativa	T - interior E - periférica

Quadro 9: Grupo de fator (7) – Posição da lacuna na relativa

4.1.6 Existencialidade

Segundo Tarallo (1983, p. 82) pronomes resumptivos restauram a forma canônica da sentença na linguagem, independentemente da função sintática do NP relativizado. Partindo desse pressuposto, um pronome resumptivo poderia restabelecer o sentido de uma sentença precedida por uma matriz existencial, já que essa prepara um tópico conversacional, quando o discurso está em andamento. Assim, era de se esperar mais pronomes resumptivos em sentenças precedidas por uma oração existencial.

Exemplos de orações relativas precedidas por orações existenciais e não existenciais:

(4-27) Existencial

Tem muitas pessoas que eu conheço, que moravam em outros bairros até distantes.

- (4-28) Não existencial
Alguns que eu conheci na faculdade também moram aqui.

A seguir, temos o quadro com a divisão da variável.

Grupo de fator	Codificação
Grupo 8: existencialidade	X - oração existencial N - oração não-existencial

Quadro 10: Grupo de fator (8) – Existencialidade

4.1.7 Não-restritivismo

O fator avaliado nesta seção, segundo os dados de Tarallo (1983, p. 83), pode restringir o uso dos pronomes resumptivos. Inicialmente, as análises desse autor mostraram que as não-restritivas favoreciam a retenção pronominal, o uso dos pronomes resumptivos. Para ele, a natureza da regra aplicada para restritivas e não-restritivas tem origem na sintaxe, na semântica e, às vezes, na pragmática. Segundo Tarallo, cada tipo de estrutura relativa deve ser analisado: uma análise da conjunção para não-restritivas e uma análise do encaixamento para as restritivas.

Tarallo (1983, p. 84) ainda diz que uma estrutura sintática mais solta/livre pode favorecer a frequência de uso dos pronomes relativos. Sendo assim, o marcador relativo *que*, nas orações não-restritivas, pode se comportar menos como um marcador pronominal e mais como uma conjunção, introduzindo outra oração.

Exemplos de relativas restritivas e relativas não-restritivas:

- (4-29) Relativas restritivas
 Tem o DI ali, que é aqui no Prado.
- (4-30) Relativas não-restritivas
 Tem uns banhos lá que é uma coisa fantástica.

A seguir, o quadro com a codificação utilizada.

Grupo de fator	Codificação
Grupo 9: não-restritivismo	V - oração restritiva Z - oração não-restritiva

Quadro 11: Grupo de fator (9) – Não-restritivismo

4.1.8 Fatores semânticos

Foram analisadas as seguintes propriedades do NP cabeça:

- a) (+) humano ou (–) humano;
- b) singular ou plural;
- c) definido ou indefinido;
- d) animado ou inanimado;
- e) genérico ou específico.

Em sua tese, Tarallo (1983) testou apenas as três primeiras propriedades (+/- humano, singular/plural, definido/indefinido). Com base nos resultados de sua pesquisa, concluiu que as características “humano”, “singular” e “indefinido” favoreciam a retenção do pronome lembrete.

4.1.8.1 Traço [+/- humano] do NP cabeça

Como mencionado na seção anterior, Tarallo apontou que essa propriedade tem efeito favorecedor quanto ao uso do pronome resumptivo.

A explicação mais interessante, entretanto, foi a de que se deve considerar, ao mesmo tempo, a função sintática e a característica +/- humano do NP cabeça. Caso contrário, analisando a função sintática do NP cabeça separadamente, não se aplica a Hierarquia da Acessibilidade. Tarallo faz essa afirmação a partir da observação de seus dados. Quando analisou separadamente a função sintática do NP cabeça, constatou que a HA não se aplicava. No entanto, quando atrelou a propriedade semântica à função sintática, percebeu que a HA passou a ser aplicada (TARALLO, 1983, p. 93).

Exemplos de NP cabeça (+) e (-) humano:

(4-31) NP cabeça (+) humano

Tem o meu **namorado** que é o pai do meu filho.

(4-32) NP cabeça (-) humano

Assim **as matérias** que eu achava mais difícil matemática e física eu tô aprendeno esse ano, entendeu?

A seguir, apresento o quadro que ilustra a codificação dessa variável:

Grupo de fator	Codificação
Grupo 10: NP cabeça (+) humano ou (-) humano	h - (+) humano j - (-) humano

Quadro 12: Grupo de fator (10) – NP cabeça (+) humano ou (-) humano

4.1.8.2 Traço de número ([+] singular ou [+] plural) do NP cabeça

Nos estudos de Tarallo, a característica “singular” do NP cabeça favoreceu a retenção pronominal na oração relativa (TARALLO, 1983, p. 95). No entanto, Tarallo ressalta que tal observação só é verdadeira quando se combina os efeitos da pluralidade com a função sintática do NP cabeça. Se olharmos apenas a função sintática, veremos que essa propriedade semântica (“singular”) favorece a retenção pronominal apenas para as funções de *sujeito* e *objeto direto* (TARALLO, 1983, p. 95).

Exemplos de NP cabeça no singular e no plural:

(4-33) NP cabeça no plural

[...] diz ele que uma pesquisa que os médicos fazem assim com os **alunos** que estão aprendendo.

(4-34) NP cabeça no singular

E tem um outro **meu filho** que mora num barracão no fundo, sabe?

A codificação dessa variável ficou da seguinte forma:

Grupo de fator	Codificação
Grupo 11: número do NP cabeça	l - singular p - plural

Quadro 13: Grupo de fator (11) – Número do NP cabeça

4.1.8.3 Traço [+/- definido] do NP cabeça

Para o estudo deste traço, foram tomados como expressões definidas os sintagmas nominais definidos, os nomes próprios e os pronomes pessoais.

De acordo com Tarallo, os trabalhos de Mollica (1977) e Kroch (1980) apontavam a característica “indefinido” para o NP cabeça como um fator favorável à retenção pronominal em sentenças relativas. No entanto, os dados de Tarallo constataram que essa afirmação é verdadeira apenas para as funções de *objeto indireto* e *oblíquo*, não se aplicando a *sujeito* e *objeto direto*, que desfavorecem a resumptiva. A função de *genitivo* se mostrou neutra.

Exemplos de NP cabeça definido e indefinido:

(4-35) NP cabeça definido

Meu filho Tiago que mora comigo aqui dentro de casa, ele tem o som dele.

(4-36) NP cabeça indefinido

[...] porque tem **vários pais** que fala assim você vai ser advogado porque eu num fui.

A seguir, o quadro com a divisão dessa variável.

Grupo de fator	Codificação
Grupo 12: NP cabeça definido ou indefinido	e - definido n - indefinido

Quadro 14: Grupo de fator (12) – NP cabeça definido ou indefinido

4.1.8.4 Traço [+/- animado] do NP cabeça

As características semânticas “animado/inanimado” e “genérico/específico” não foram analisadas por Tarallo, mas podem apresentar algum efeito sobre o fenômeno observado, assim como os outros traços semânticos apresentados. Essa interface entre o componente semântico e o sintático pode propiciar um entendimento significativo dos fenômenos linguísticos, como Chomsky já destacou:

Uma decisão a respeito da fronteira que separa a sintaxe da semântica (se existe) não é pré-requisito para o estudo teórico e descritivo das regras sintáticas e semânticas. Pelo contrário, o problema da delimitação seguirá sem dúvida pendente até que estes campos sejam muito melhor entendidos do que o são hoje. (CHOMSKY, 1971, p. 150)

Sendo assim, é importante que tais características sejam testadas a fim de se verificar sua influência sobre as estratégias relativas observadas.

- (4-37) NP cabeça animado
Tem **mães** que ligam dia e noite pras crianças, né?
- (4-38) NP cabeça inanimado
É uma **coisa** que a gente tem que apreciar, né?
- (4-39) NP cabeça genérico
É, pois é... mas não tem **gente** que tem certeza que o outro lado é bom?
- (4-40) NP cabeça específico
Uai, **a Dany Boc**, que mora aqui, é uai!

A codificação para essas variáveis ficou da seguinte maneira:

Grupo de fator	Codificação
Grupo 13: NP cabeça animado ou inanimado	a - animado m - inanimado

Quadro 15: Grupo de fator (13) – NP cabeça animado ou inanimado

Grupo de fator	Codificação
Grupo 14: NP cabeça genérico ou específico	b - genérico C - específico

Quadro 16: Grupo de fator (14) – NP cabeça genérico ou específico

4.2 Variáveis não-estruturais

Muitos estudos na área da sociolinguística questionam, analisam e provam a influência de fatores não-estruturais, como: gênero, idade, classe social, estilo e etnia sobre a linguagem. Sabendo da importância desses fatores, foram analisadas as influências dessas variáveis na escolha pelas estratégias de relativização do Português falado de Belo Horizonte. Essa postura endossa a de todos os trabalhos que não vêm na gramática uma “ferramenta de análise lógica, mas um caminho de organização da informação e da expressão de um ponto de vista alternativo” (TARALLO, 1983, p. 122).

4.2.1 Gênero

Importantes estudos mostram que as mulheres usam menos variantes estigmatizadas e não-padrão do que os homens do mesmo grupo social e nas mesmas circunstâncias [WOLFRAM (1969); LABOV (1972/1990); WOLFRAM e FASOLD (1974); ROMAINE (1978); TRUDGILL (1983); CAMERON e COATES (1998), *apud* CHAMBERS (1995)]. No entanto, Chambers ressalta que a diferença na fala entre homens e mulheres reside não somente na diferença entre os sexos, mas também na mobilidade social, no papel social que cada um desempenha.

Trudgill (1983) argumenta que as mulheres têm mais consciência do status que os homens, por isso são mais cientes da significância social das variáveis linguísticas. Assim, conseguem tomar maior cuidado quanto à fala.

Deucher (1988), *apud* CHAMBERS (1995), contrapõe a ideia de Trudgill dizendo que o mecanismo que determina maior uso da fala padrão pelas mulheres é uma estratégia interpessoal conhecida como “face”, a manutenção da autoestima

nas trocas sociais (variação entre a forma como a mulher se vê e a forma como ela quer que as pessoas a vejam).

Chambers (1995) afirma que a diferença de gênero postulada em termos de língua é meramente estatística. As diferenças individuais são quase tão extensas quanto as diferenças de gênero. A tendência para as mulheres empregarem as funções de gênero, exigindo mobilidade maior, pode ser um resultado das suas vantagens sociolinguísticas mais que uma causa delas.

Em sua amostra, Tarallo testou a relevância do fator sexo na aplicação da regra, mas os resultados não foram expressivos, por isso o autor desconsiderou essa variável.

Grupo de fator	Codificação
Grupo 15: gênero	H - masculino M - feminino

Quadro 17: Grupo de fator (15) – Gênero

4.2.2 Faixa etária

É necessário cuidado ao avaliar os efeitos desse fator sobre o fenômeno observado, dado que somente as diferenças etárias não são suficientes para se determinar, por exemplo, mudança em progresso. Temos uma linguagem que é própria dos jovens, como temos aquela que é própria dos idosos. Tal realidade é categórica e, por isso, não indica mudança linguística, e sim gradação etária (*age grading*).

Tomados os devidos cuidados, sabemos que variantes linguísticas usadas por faixas etárias diferentes podem indicar mudanças linguísticas que estão ocorrendo. Para provar uma mudança em progresso, o ideal seria comparar a mesma amostra em períodos de tempo diferentes, mas tal solução dificultaria o andamento de uma pesquisa, já que o tempo para conclusão de um trabalho nesses moldes seria muito longo. Uma alternativa, apontada por Labov (1966), é associar outros fatores sociais, tais como gênero e classe social, à faixa etária.

Segundo Chambers (1995), a aquisição do socioleto passa por quatro estágios:

- 1) Formação do vernáculo;
- 2) Aceleração da norma no período da adolescência;
- 3) Congelamento da língua na fase adulta;
- 4) Estabilização total da língua.

Em minha amostra, procurei reunir dados, levando em consideração as faixas etárias que representassem esses estágios, exceto a fase 1. Sabendo que, segundo Chambers (1995), o padrão do adolescente tende a seguir o mesmo padrão do adulto de sua classe, não foi uma preocupação nessa pesquisa lidar com uma faixa etária que representasse exclusivamente os adolescentes. Sendo assim, trabalhei apenas com três faixas etárias, como mostra o quadro a seguir:

Grupo de fator	Codificação
Grupo 16: faixa etária	U - até 25 anos W - 26 a 49 anos Y - 50 anos acima

Quadro 18: Grupo de fator (16) – Faixa Etária

Sabendo que as formas cortadora e padrão competem entre si, estudar o comportamento linguístico do falante em relação às estruturas relativas, considerando a idade, pode auxiliar a delinear um quadro de mudança em progresso ou, por outro lado, constatar um processo de mudança já estabilizado.

Da mesma forma que o fator gênero, a variável faixa etária não se mostrou relevante para os estudos de Tarallo, sendo desconsiderada por ele.

4.2.3 Escolaridade

Normalmente, espera-se que a variável culta seja usada principalmente pelos informantes de maior escolaridade. Muitos estudos sociolinguísticos mostram que há predominância da forma linguística padrão entre falantes de maior nível de escolarização.

No que diz respeito às orações relativas, uma boa instrução nem sempre privilegia a forma padrão. Em alguns ambientes linguísticos (locuções preposicionadas), por exemplo, a forma cortadora parece ser favorecida em

detrimento da padrão. O mesmo não ocorre em relação às resumptivas, uma vez que, entre falantes de maior escolarização, o uso dessa estratégia parece ser sensivelmente menor.

A *Gramática do Português culto falado no Brasil* (2009) mostra bem essa relação. O *corpus* que serviu de base para a criação dessa gramática é todo baseado na norma linguística urbana culta do Brasil. Para essa amostra, foram selecionadas informantes com nível de instrução superior, das capitais: Recife, Porto Alegre, Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo.

O *corpus* da pesquisa citada no parágrafo anterior foi constituído por 701 dados, dos quais apenas 10 casos foram de resumptivas. O baixo percentual de ocorrência desta forma não-padrão está correlacionado com a alta escolaridade dos informantes, confirmando a hipótese de outros trabalhos que apontam altos índices dessa estratégia entre informantes com menor escolarização.

Por outro lado, diante de Sprep, mais da metade dos informantes optou pela forma cortadora. Há, no *corpus* da pesquisa citada acima, a ocorrência de 123 casos (em 701) de Sprep relativizado, ou seja, 17,5% da amostra. Desses casos, em apenas 35% foi utilizada a estratégia padrão (43/123). A maioria dos informantes usou a estratégia cortadora, 65% (80/123), levando Braga, Kato e Mito, autores desta seção da referida gramática, afirmarem que:

Esta diferença de frequência é robusta e fornece indícios para concluir que, se a escola daqueles falantes tentou atuar para que eles produzissem relativas-padrão, deslocando todo Sprep, o sucesso não foi notável. (BRAGA; KATO; MIOTO, p. 8, 2009)

A análise desse fator poderá, ou não, confirmar a hipótese sobre a estratégia cortadora não ser sensível à variante escolarização, demonstrando que essa variante tem maior prestígio que a padrão. Também poderá confirmar se a estratégia resumptiva é estigmatizada pelos informantes de maior instrução, sendo usada, principalmente, por aqueles de menor escolarização.

Para avaliar esse fator, usei a seguinte codificação:

Grupo de fator	Codificação
Grupo 17: escolaridade	J - ensino fundamental/médio K - ensino superior

Quadro 19: Grupo de fator (17) – Escolaridade

4.2.4 Classe social

Estudos sociolinguísticos mostram uma forte relação entre classe social e variação linguística, visto que a estratificação social é um tipo de processo que se reflete na estrutura linguística, conforme destacou Labov: “Social stratification and its consequences are only one type of social process which is reflected in linguistic structure.” (LABOV, 1972, p. 118)

Outro ponto a ser discutido, que se relaciona à classe social, é a questão da língua como símbolo de identidade. Como bem foi mostrado pelo trabalho Milroy (1992), cuja idéia central é a de que a comunidade de fala traz marcas explícitas e a língua é uma delas, a língua é um símbolo de identidade, motivo pelo qual é possível uma resistência da forma vernacular em relação à padrão. Assim, Milroy não toma *vernáculo* e *padrão* como pontos extremos. Voltando ao trabalho de Labov, uma vez estabelecido o significado social de uma variante linguística, as variáveis podem servir para mensurar outras formas do comportamento social, como: aspirações sociais, mobilidade social e insegurança (linguística), mudanças na estratificação social e segregação (LABOV, 1972, p. 120).

Sabemos ainda, pelos estudos de Labov, que a classe social imediatamente abaixo da mais alta tende a usar com maior frequência as formas de prestígio, acarretando, inclusive, um padrão hipercorretivo, o que pode indicar mudança linguística.

Nesta pesquisa, subdividi a variável “classe social” em dois grandes grupos, classe trabalhadora e classe média. Minha divisão está pautada nos seguintes pontos: a) não tenho acesso fácil à classe alta, por isso optei por não trabalhar com esse estrato; b) a subdivisão da classe média no Brasil é muito grande, dessa forma, parece-me mais lógico não entrar nessa subdivisão.

O fato de não ter informantes da classe alta não compromete os resultados da pesquisa, já que a literatura mostra que a classe média é a principal responsável pela mudança linguística.

Assim, minha divisão ficou da seguinte forma:

Grupo de fator	Codificação
Grupo 18: classe social	A - Trabalhadora B - Média

Quadro 20: Grupo de fator (18) – Classe Social

4.2.5 Estilo

Na busca pelo vernáculo, o pesquisador depara com um dilema: como conseguir uma fala natural, diante de uma situação tão artificial como a de uma entrevista? Conforme já foi mencionado no capítulo 3, Labov chamou essa situação de “paradoxo do observador”.

Em seu artigo *Field methods used by research project on linguistic change and variation*, Labov apresenta várias técnicas utilizadas em pesquisas no campo da variação e mudança linguística. Entre elas, sugere técnicas que tentam transformar o ambiente formal da entrevista em um mais espontâneo.

O grau de atenção dado à fala vai determinar a formalidade da situação. A fala pode ser mais cuidadosa ou espontânea, ou seja, pode estar mais distante ou mais próxima do vernáculo. Nenhum falante possui apenas um estilo de fala, esse é mutável, oscilando em função de muitos fatores; como, por exemplo, a mudança de tópico durante a entrevista. Segundo Labov, o estilo predominante em uma entrevista sociolinguística é o que ele chamou de “cuidado”.

Espera-se que o estilo formal favoreça a forma padrão; e o informal, as formas não-padrão.

Abaixo, segue o quadro que apresenta a codificação deste fator.

Grupo de fator	Codificação
Grupo 19: estilo	F - formal L - informal

Quadro 21: Grupo de fator (19) – Estilo

5 ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo apresenta os resultados da análise dos dados e será dividido em cinco partes:

- **5.1 Análise preliminar:** nesta seção, apresento os testes que foram feitos com os grupos de fatores estudados, propiciando a amalgamação ou retirada de fatores e grupos de fatores. Com a realização desses testes, foi possível a recodificação dos *tokens* para as rodadas seguintes.
- **5.2 Análise dos resultados para *padrão x não-padrão*:** nesta seção, são apresentadas as variáveis independentes selecionadas pelo programa como favoráveis à estratégia padrão.
- **5.3 Análise dos resultados da etapa *padrão x cortadora*:** observou-se, nesta seção, a influência das variáveis estudadas sobre a estratégia cortadora, sozinha, sem a interferência da resumptiva.
- **5.4 Análise dos resultados para *padrão x resumptiva*:** da mesma forma como foi feito para a cortadora, a seção trata apenas da observação da influência dos grupos de fatores sobre a estratégia resumptiva.
- **5.5 Considerações sobre as relativas no PB:** discussão, a partir dos resultados encontrados, sobre o comportamento das relativas no PB.

5.1 Análise preliminar

Em pesquisas na área da sociolinguística, interessa separar, quantificar e testar a significância dos efeitos de fatores em uma variável linguística, lembrando que os fatores condicionantes da variação podem ser sociais e/ou linguísticos, conforme já mencionado outras vezes nesta dissertação.

Depois de separadas e codificadas as ocorrências do fenômeno, passamos à etapa seguinte, a da análise probabilística, que, neste caso, foi realizada pelo programa *Goldvarb 2001*.

Iniciei os cálculos trabalhando com 19 grupos de fatores, num total de 44 fatores e 343 *tokens*. Antes de completar meu *corpus*, rodei uma pequena amostra dos dados a fim de observar o comportamento dos fatores trabalhados. Tal

procedimento era importante, pois, como trabalhei com muitos fatores, precisava saber se havia possibilidade de amalgamar fatores inseridos em um dado grupo já de início.

Após observação dos resultados da amostra, iniciei a fase de cálculos, considerando todo o *corpus*. Julguei pertinente separar, inicialmente, os fatores em estruturais e não-estruturais, realizando rodadas distintas, a fim de observar o comportamento de cada fator linguístico e extralinguístico, em cada uma das rodadas. Esse procedimento evitava a possibilidade de se descartar um fator importante que, a princípio, em uma das rodadas, pudesse parecer irrelevante. Observar a pertinência dos fatores estruturais e não-estruturais, juntos e separados, dava segurança para eliminar fatores, amalgamá-los ou fazer qualquer outra alteração necessária.

Vale destacar que a justificativa para amalgamar fatores respeitou tanto critérios qualitativos, quanto os quantitativos, ou seja, os fatores combinados nos grupos de fatores eram linguisticamente semelhantes e também apresentavam semelhança quantitativa. Em relação à exclusão de fatores ou grupos de fatores, adotou-se esse procedimento para contextos categóricos, em que não havia variação, ou para situações em que o número de ocorrências era muito baixo. Procedimentos como amalgamação e exclusão são necessários para se evitar “nocaute”, terminologia de análise do *Varbrul*, que corresponde a uma frequência de 0% ou 100% para um dos valores da variável dependente, num determinado momento da análise. Essa discussão será retomada na análise de cada uma das estratégias estudadas (seções 5.2, 5.3 e 5.4).

A partir dos resultados apresentados nesta etapa, os fatores foram recodificados da seguinte forma:

- 1) No grupo 2, “Função sintática do NP cabeça”, os fatores considerados eram as funções: *sujeito*, *objeto direto*, *objeto indireto*, *oblíquos*, *genitivo* e *termo de sentença com verbo de ligação*. Após análise dos resultados preliminares, notou-se a semelhança entre o percentual de ocorrência das funções *sujeito* e *objeto direto*, respectivamente, 88% e 82%. Além disso, as duas funções eram sintaticamente semelhantes e distintas das demais, por isso foram

amalgamadas, formando o fator D,¹⁰ que inclui os *não-oblíquos*. O mesmo ocorreu com o *objeto indireto* e o *oblíquo*, que apresentaram o mesmo percentual de ocorrência, 73%, e foram, então, amalgamados, formando o fator I,¹¹ representando os obliquos. Passou-se, então, a considerar três funções sintáticas: *obliquos (objeto indireto e obliquo – lembrando que não ocorreu genitivo no meu corpus)*, *não-obliquos (sujeito e objeto direto)* e *termo de sentença com verbo de ligação*.

- 2) No grupo 3, “Função sintática do NP relativizado”, as funções sintáticas consideradas eram: *sujeito, objeto direto, objeto indireto, obliquos*, e *termo de sentença com verbo de ligação*. Após a primeira análise, passou-se a considerar três funções: *sujeito, objetos (direto e indireto)* e *termo de sentença com verbo de ligação*. A discussão sobre amalgamação e exclusão de fatores neste grupo será retomada nas seções 5.2, 5.3, pois há diferenças na forma como os fatores foram amalgamados nas estratégias cortadora e padrão.
- 3) No grupo “Distância entre o NP cabeça e a oração relativa”, inicialmente, cinco possibilidades foram testadas, seguindo a classificação utilizada por Tarallo (1983):

0 = nenhuma intervenção entre o NP cabeça e a relativa

1 = uma (ou mais) orações relativas entre o cabeça e a relativa

2 = intervenção material (-oração relativa) inserida antes do marcador da relativa *que*

3 = intervenção material inserida dentro da relativa

4 = NP cabeça inserido em um período com dois nomes, mas somente o primeiro nome da frase é marcado como co-referente.

Analisando os resultados, ficou constatado que as distâncias 3 e 4 não ocorreram no *corpus*, por isso esses fatores foram excluídos. Em relação às distâncias 1 e 2, como as duas representavam um tipo de intervenção entre a

¹⁰ O nome dado ao fator não condiz com a codificação dos *tokens*. Esse procedimento foi adotado apenas para evitar confusão no momento da leitura, uma vez que, na codificação, o fator recebeu o símbolo S, que poderia ser confundido com *sujeito*.

¹¹ Novamente, a fim de se evitar problemas durante a leitura, as funções de *objeto indireto* e *obliquo* receberam o nome de fator I ao longo da dissertação. Na codificação dos *tokens*, adotou-se para este fator o símbolo O, que poderia ser confundido com a função *obliquo*.

oração principal e a relativa, resolvemos agrupá-las em um mesmo fator, pois assim poderíamos trabalhar com um sistema binário. Os fatores ficaram, então, amalgamados da seguinte maneira:

0 = nenhuma intervenção

1 = alguma intervenção

5.2 Análise dos resultados para *padrão x não-padrão*

A etapa que considerou a contraposição entre relativas-padrão e não-padrão era necessária para se averiguar quais fatores favoreciam a realização da forma padrão. Iniciou-se a análise, considerando-se dezenove grupos de fatores, conforme mostra o quadro 1 (capítulo 3), totalizando 343 *tokens*, 37 fatores e 244 células.

Se, por um lado, a análise que considerou a contraposição entre a estratégia padrão e as estratégias não-padrão juntas apresentava o fenômeno de forma mais ampla, possibilitando uma visão geral do comportamento das orações relativas; por outro lado, não abria possibilidades de estudos das particularidades de cada estratégia não-padrão sozinha. Por isso, era importante analisar padrão x cortadora e padrão x resumptiva, a fim de averiguar os fatores condicionantes de cada uma das estratégias não-padrão, conforme será mostrado nas seções 5.3 e 5.4.

De maneira geral, a proporção de ocorrência da variante padrão se mostrou muito superior à das formas não-padrão, confirmando os resultados obtidos por Tarallo (1983, p. 174). Para as estratégias não-padrão, os resultados desta pesquisa também confirmaram os de Tarallo (1983, p. 174), mostrando uma frequência maior para a estratégia cortadora em relação à resumptiva. O *corpus* desta dissertação apresentou um total de 343 ocorrências de orações relativas, divididas da seguinte forma: 284 casos de variante padrão (82%), 48 casos de cortadora (14%) e 13 casos de resumptivas (4%).

A figura 1 representa as proporções de ocorrências.



Figura 1: Percentual de ocorrência das orações relativas

5.2.1 Resultados apresentados pelo Varbrul

Dos dezoito grupos estudados, foram selecionados como relevantes pelo programa os seguintes:

- a) Grupo 1: Função sintática do NP cabeça.
- b) Grupo 2 Função sintática do NP relativizado.
- c) Grupo 6: Existencialidade.
- d) Grupo 9: NP relativizado (nome) no singular ou plural.

Como é possível notar, todos os fatores selecionados são de natureza sintática, confirmando Tarallo (1983), que afirmava em seu trabalho ser estrutural o condicionamento das relativas.

a) Função sintática do NP cabeça

Grupo 1	Ocorrências/Total	Percentual	PR
Oblíquos (D)	237/277	85	.58
Não-oblíquos (I)	36/49	73	.25
Termo de sentença com verbo de ligação (5)	11/17	64	.11

Quadro 22: Número, percentual de ocorrência e peso relativo da função sintática do NP cabeça em relação à variante padrão

Exemplos:

- (4-1) Sujeito
As empresas que contratam bandidos... botam roupa e dão alguma orientação de segurança... e eles são programados pra roubar.
- (4-2) Objeto direto
 [...] nisso vinham dois elementos assim e limpava o sujeito que tava no chão e corria.
- (5-1) Objeto indireto
 É normal você se lembrar hoje de coisa que te aconteceu no passado.
- (4-4) Oblíquo
 [...] toma cuidado com essas meninas que fica paquerando os homens lá.
- (4-5) Termo de sentença com verbo de ligação
Todos os seguranças são bandidos que se apresentam.

O grupo 2 que, inicialmente, contava com cinco funções sintáticas (*sujeito*, *objeto direto*, *objeto indireto*, *genitivo* e *termo de sentença com verbo de ligação*) foi reduzido a três fatores, ao se amalgamar as funções sintáticas semelhantes. Tal procedimento procurou viabilizar os cálculos executados pelo *Varbrul*, já que o número de fatores era grande.

Nesse grupo, em que foi avaliada a interferência da função sintática do NP cabeça na realização da forma padrão, podemos perceber que as funções de *oblíquo* e *objeto indireto*, fator “I”, e *termo de sentença com verbo de ligação*, fator “5”, desfavorecem a forma padrão, conforme comprovam os pesos relativos desses fatores que são, respectivamente, .25 e .11. Diante das funções de *sujeito* e *objeto direto*, fator “D”, esse quadro se modifica, já que o fator parece favorecer a estratégia, uma vez que seu peso relativo é igual a .58.

Segundo Tarallo, as funções de *sujeito* e *objeto direto* favorecem a estratégia padrão; *objeto indireto* e *oblíquo* favorecem a estratégia cortadora e, por último, os *genitivos* favorecem a resumptiva. Os resultados encontrados parecem confirmar a hipótese de Tarallo em relação à forma padrão, uma vez que o fator “D”, que engloba as funções de *sujeito* e *objeto direto*, mostrou-se como ambiente favorável à realização da forma padrão.

É importante salientar que os trabalhos de Tarallo (1983) e Kato (1996), embora tenham abordagens teóricas diferentes, preocupam-se em diferenciar as estratégias relativas a partir do movimento (ou não) do termo *que*. Já esta dissertação foi construída com outros pressupostos, uma vez que procura investigar o condicionamento das relativas, a influência das variáveis estudadas sobre o fenômeno analisado, ou seja, o condicionamento de cada uma das estratégias de relativização do PB. Outro trabalho que também segue uma linha diferente da adotada nessa pesquisa, mas que também foi tomado como referência à medida do possível, é a tese de Bastos (2008), que apresenta uma abordagem pragmática sobre o assunto, analisando a posição correferencial dentro da oração relativa. Assim, fica claro que, ao expor os resultados encontrados nessa pesquisa, é possível dialogar, em alguns casos, apenas com Tarallo, que também investigou os fatores que condicionam a realização das relativas. Os demais trabalhos podem ser retomados para comparações mais gerais, uma vez que apresentam orientações teóricas diferentes da tomada aqui.

b) Função sintática do NP relativizado

Grupo 2	Ocorrências/Total	Percentual	PR
Sujeito (s)	208/219	94	.75
Objeto direto e indireto (3)	75/108	6	.18
Oblíquo (o)	1/16	69	.01

Quadro 23: Número, percentual de ocorrência e peso relativo da função sintática do NP relativizado em relação à variante padrão

Exemplos:

- (4-12) Sujeito
Então, isso eu acho que é um privilégio imenso de ver tantas pessoas; que(e_i) contam que lutou pra criar os filhos, lutou pra isso, né?
- (4-13) Objeto direto
[...] teve 3 testes psicotécnicos... depois teve as provas... tinha 3 matérias_i que eu nunca tinha visto (e_i).

Este foi o grupo de fatores que mais sofreu alterações ao longo dos testes. Iniciei os cálculos considerando os mesmos fatores selecionados na função sintática do NP cabeça. Notei, no entanto, após rodar a primeira amostra, que não havia ocorrido nenhuma estratégia não-padrão diante da função *objeto direto*, acarretando um “nocaute”. Como o grupo de fatores era composto por cinco funções sintáticas, não desconsidere esse fator, mas combinei-o com outro sintaticamente semelhante, *objeto indireto*, formando o fator: “*objetos*” (3). Ainda foram necessários alguns ajustes para a etapa padrão x cortadora. Sobre eles, faço os devidos comentários na seção pertinente (5.3).

Feitos os ajustes, as funções sintáticas ficaram divididas da seguinte forma: *sujeito (s)*, *objeto direto e indireto (3)*, *oblíquos (o)*. O fator *termo de sentença com verbo de ligação* foi excluído, já que havia apenas dois casos na estratégia padrão, acarretando “nocaute”.

Analisando os resultados, podemos constatar que a função *sujeito (s)* favoreceu a forma padrão, já que o percentual de ocorrência desse fator foi de 94% e seu peso relativo, de .75.

Tanto o fator *objetos (3)*, quanto *oblíquo (o)* mostraram-se fortes inibidores da forma padrão, bastando verificar o peso relativos desses fatores, respectivamente, .18 e .01.

Se tomarmos por base o movimento do termo *que*, podemos tentar explicar a grande ocorrência da forma padrão diante da função *sujeito*, ou seja, diante de nomes não preposicionados. Conforme atestou Tarallo (1983), a estratégia padrão se diferencia das estratégias não-padrão pelo movimento do termo *que* da direita da sentença para a esquerda, o que não ocorre nas formas não-padrão. Quando temos uma locução prepositiva, esse movimento (ou a falta dele) fica mais nítido, já que percebemos esse fato pela presença ou ausência da preposição. Se não temos a preposição, como é o caso da função *sujeito*, não conseguimos provar se houve ou não apagamento do termo *que* e, conseqüentemente, não conseguimos afirmar se ocorreu a forma padrão ou a cortadora.

c) Existencialidade

Grupo 6	N. total	Percentual	PR
Orações existenciais (X)	52/66	78	.29
Orações não-existenciais (N)	232/277	83	.55

Quadro 24: Número, percentual de ocorrência e peso do fator existencialidade em relação à relativa padrão

Exemplos:

- (4-27) Existencial
Tem muitas pessoas que eu conheço, que moravam em outros bairros até distantes.
- (4-28) Não-existencial
Alguns que eu conheci na faculdade também moram aqui.

Tarallo (1983) fala da relevância de uma matriz existencial, fator “X”, para o uso do pronome resumptivo. Em sua tese, o peso encontrado para este fator foi de 0,54 (p. 90). Tal premissa parece ser confirmada pelos meus resultados, já que este fator apresentou um peso relativo igual a .29 para a forma padrão, ou seja, mostrou-se como um ambiente inibidor à realização da estratégia padrão. Sobre o peso relativo deste fator para as cortadoras e resumptivas, falo separadamente nas seções 5.3 e 5.4.

Ainda observando os resultados, percebemos que matrizes não-existenciais favorecem a realização da forma padrão, já que o fator que as representa (N) tem peso relativo igual a .55.

d) Número (singular/plural) do NP cabeça

Grupo 9	N. total	Percentual	PR
Singular (l)	193/247	78	.41
Plural (p)	91/96	94	.72

Quadro 25: Número, percentual de ocorrência e peso do número do NP cabeça em relação à relativa padrão

Exemplos:

(4-33) NP cabeça no plural

[...] diz ele que uma pesquisa que os médicos fazem assim com os **alunos** que estão aprendendo.

(4-34) NP cabeça no singular

E tem um outro **meu filho** que mora num barracão no fundo, sabe?

Os resultados obtidos para este grupo de fatores parecem confirmar os que foram encontrados por Tarallo (1983). Na pesquisa do autor, o fator “singular”, no meu quadro representado por (I), favoreceu o uso da estratégia resumptiva. Os meus resultados indicam que este fator inibe a forma padrão, já que o peso relativo é de .41. Em relação à resumptiva, faço os comentários na seção dedicada à estratégia (5.4).

Nomes no plural, fator (p), parecem favorecer a forma padrão, conforme comprova o peso relativo deste fator: .72.

5.3 Análise dos resultados para *padrão x cortadora*

Terminada a etapa em que foram avaliados os grupos de fatores que influenciavam a realização da estratégia padrão, comecei a avaliar os grupos de fatores para cada uma das variantes não-padrão. A seguir, apresento a análise dos fatores referentes à forma cortadora.

É necessário relatar que, após a análise do primeiro resultado, ficou claro que o grupo 3 (posição sintática do NP relativizado) deveria ser retirado; já que, diante de locuções prepositivas (*obliquos* e *objetos indiretos*), só ocorria a forma não-padrão, ou seja, não havia variação, o ambiente era categórico. Portanto, a etapa das cortadoras contou com um grupo de fatores a menos, contabilizando 332 *tokens*, 18 grupos de fatores, 34 fatores e 229 células.

5.3.1 Resultados apresentados pelo Varbrul

Entre os dezessete grupos analisados, foram selecionados pelo programa os seguintes:

- a) Grupo 1: Função sintática do NP cabeça.
- b) Grupo 4: Posição da lacuna na relativa.
- c) Grupo 5: Existencialidade.
- d) Grupo 8: NP relativizado (nome) no singular ou plural.

Novamente, os fatores selecionados foram de natureza sintática, confirmando mais uma vez Tarallo (1983).

a) Função sintática do NP cabeça

Grupo 1	Ocorrências/Total	Percentual	PR
Oblíquos (D)	35/272	12	.43
Não-oblíquos (I)	3/14	21	.79
Termo de sentença com verbo de ligação (5)	10/46	21	.78

Quadro 26: Número, percentual de ocorrência e peso relativo da função sintática do NP cabeça em relação à variante cortadora

Exemplos:

(4-6a) Sujeito

Todo canto que você vai tá cheio, Nossa Senhora!

(4-7a) Objeto direto

[...] a gente sabia **o** que ele não gostava e não fazia, né?

(4-8a) Objeto indireto

[...] porque hoje eu estou gostando demais desse assunto que nós estamos falando aqui sabe?

(4-9a) Oblíquo

[...] aliás, no lugar que eu nasci tinha umas vinte casas igual.

(4-10a) Termo de sentença com verbo de ligação

[...] são poucos os meninos que eu converso.

Os resultados apresentados na análise deste fator confirmam os pressupostos de Tarallo, ou seja, *sujeito* e *objeto direto* favorecem a forma padrão, enquanto *objeto indireto* e *oblíquo* favorecem a forma cortadora.

Se observarmos o quadro acima, poderemos notar que os *não-oblíquos*, fator (D), inibem a realização da estratégia cortadora, considerando o peso relativo do fator (.43). Já os *oblíquos*, fator (I), favorecem a realização desta estratégia, apresentando peso relativo igual a .79. Também favoreceu a forma cortadora a função de *termo de sentença com verbo de ligação* (5), que apresentou peso relativo igual a .78.

Se compararmos os quadros 22 e 26, poderemos constatar que os fatores que favorecem a forma padrão desfavorecem a forma cortadora e o contrário também é verdade.

O peso relativo do fator (D), *sujeito* e *objeto direto*, é .58 para a forma padrão e .43 para a forma cortadora; isso significa que o fator favorece a primeira estratégia e inibe a segunda.

Com os fatores (5), *termo de sentença com verbo de ligação*, e (I), *objeto indireto* e *oblíquo*, a situação fica ainda mais nítida. Temos um percentual de .11 para (5) e .25 para (I) na forma padrão, enquanto a cortadora apresenta para esses fatores, respectivamente, .78 e .79. Portanto, os fatores favorecem claramente a estratégia cortadora, enquanto inibem a forma padrão.

b) Posição da lacuna na relativa

Grupo 4	Ocorrências/Total	Percentual	PR
Lacuna interna (T)	1/214	1	.13
Lacuna periférica (E)	47/118	39	.97

Quadro 27: Número, percentual de ocorrência e peso relativo da posição da lacuna em relação à variante cortadora

Exemplos:

(5-2) Lacuna interior

A única coisa que eu não gosto (e) no meu avô é [...]

(5-3) Lacuna periférica

Tem muitas pessoa nova... tipo da 501, 502, 601... sétima... oitava...
mucado de pessoa que eu converso (e).

Observando o quadro 27, podemos ver claramente que, se a lacuna na oração relativa for interna, fator (T), a estratégia cortadora é inibida, uma vez que o peso relativo desse fator foi .13. Em contrapartida, se a lacuna for periférica, fator (E), a estratégia é favorecida, o que confirma o peso relativo de .97.

O trabalho de Tarallo (1983) destaca a falta de efeito deste grupo de fatores para o Português, que não admite uma relativa introduzida por “zero”, diferentemente do Inglês, que admite. Por isso mesmo, a possibilidade de um pronome resumptivo é muito mais plausível no Inglês que no Português. Para as resumptivas, a premissa do autor até pode ser plausível, mas não é para as cortadoras.

Os resultados mostraram que a lacuna periférica (E) parece favorecer a cortadora (.97). Essa situação está relacionada à hipótese do favorecimento dessa estratégia pelas locuções prepositivas, confirmando o processo de deleção do termo *que*, juntamente com a preposição. Ora, se o termo e a preposição são apagadas *in situ*, o espaço em que eles deveriam estar (periférico em relação à sentença relativa) tende, naturalmente, a ficar em branco.

c) Existencialidade

Grupo 5	Ocorrências/Total	Percentual	PR
Orações não-existenciais (N)	36/269	13	.43
Orações existenciais (X)	12/63	19	.76

Quadro 28: Número, percentual de ocorrência e peso relativo do fator existencialidade em relação à variante cortadora

Exemplos:

(5-4) Existencial

[...] tem muita gente lá da sala que eu não conversava o ano passado...
e agora eu já converso assim

(5-5) Não-existencial

A única coisa que eu gostaria é que eles melhorasse a escola...
basicamente isso.

O quadro 28 sugere que orações não-existenciais inibem a realização da forma cortadora (.43), ao passo que as existenciais favorecem (.76).

A situação apresentada difere da mostrada pelo quadro 24, que avaliou esse grupo de fatores para a forma padrão. Neste quadro, as orações não-existenciais favoreciam a forma padrão (.55), enquanto aqui, para as cortadoras, esse mesmo fator parece inibir (.43) a estratégia. Em relação ao fator (X), orações existenciais, a situação fica ainda mais nítida. Esse fator inibe a realização da forma padrão (.28), ao passo que favorece a forma cortadora (.76).

d) Número (singular/plural) do NP cabeça

Grupo 8	Ocorrências/Total	Percentual	PR
Singular (l)	43/236	18	.59
Plural (p)	5/96	5	.30

Quadro 29: Número, percentual de ocorrência e peso relativo do número do NP cabeça em relação à variante cortadora

Exemplos:

(5-6) NP cabeça no singular

[...] tem muito menino lá da sala que eu converso...

(5-7) NP cabeça no plural

[...] não tem muitos problemas que nem outros bairros que a gente
ouve falar.

Os resultados deste grupo de fatores sugerem que NP cabeça no singular (l) favorece as cortadoras (.59), enquanto NP cabeça no plural (p) inibe a realização da estratégia (.30).

Novamente, os resultados se invertem quando comparamos forma padrão e forma cortadora. Para a primeira, NP cabeça no singular inibe a realização da estratégia (.40), ao passo que, no plural, favorece (.72).

5.4 Análise dos resultados para *padrão x resumptiva*

A análise dos resultados referentes à variante resumptiva requer alguns cuidados, uma vez que o número de ocorrências dessa estratégia foi pequeno (13/343) na amostra, totalizando apenas 4% dos 297 *tokens* analisados. Seria precipitado tirar conclusões a partir dos resultados encontrados, já que o número de ocorrências dessa estratégia não foi expressivo.

Uma das possibilidades de explicação para essa baixa ocorrência reside no fato de as posições mais propensas à relativização no Português serem a de *sujeito* e *objeto direto*, sintagmas não preposicionados; lembrando que, de acordo com Kato (1996) e Tarallo (1983), a posição de *objeto direto* é a que menos favorece a realização da resumptiva. Como a grande maioria das ocorrências do *corpus* estudado ocorreu diante dessas funções, é notório que ocorram poucas resumptivas.

Se tomarmos a presença do pronome resumptivo como justificativa para mitigar o esforço de processamento, então é de se esperar sua ocorrência nas posições menos acessíveis (*objeto indireto*, *oblíquo* e *genitivo*), portanto, essa presença será menos provável nos casos de *sujeito* e *objeto direto*. No meu *corpus*, não houve ocorrência de *genitivo*, conforme já mencionado, e os *oblíquos* foram retirados da função sintática do NP relativizado por representarem apenas dois casos que ocorreram na forma padrão, acarretando “nocaute”. Como se vê, o ambiente propício para realização da estratégia resumptiva não era dos melhores. Retomo essa discussão na próxima seção, quando faço considerações sobre o panorama atual de relativização no PB.

De acordo com os estudos de Tarallo (1983), são fatores que influenciam a realização das resumptivas:

- a) NP cabeça + humano, no singular, indefinido, distante da oração relativa.

- b) Oração relativa à direita da matriz, funcionando como complemento sentencial.
- c) Matrizes restritivas e existenciais.

Os resultados encontrados neste trabalho apontam como fatores que favorecem a realização das resumptivas:

- a) **a função sintática do NP cabeça**, em que o *termo de sentença com verbo de ligação* (5) e os *oblíquos* (o), *oblíquo* e *objeto indireto*, favorecem, apresentando pesos relativos, respectivamente, .95 e .80; enquanto os *não-oblíquos*, *sujeito* e *objeto direto*, fator (S), parecem inibir (.41);
- b) **matrizes existenciais** favorecem (.79), enquanto as não-existenciais restringem (.43);
- c) **gênero**, mulheres favorecem (.69), ao passo que os homens inibem (.27).

Os resultados encontrados nesta pesquisa confirmam os de Tarallo, exceto pelo fator gênero, que foi descartado pelo autor devido a sua irrelevância naquela pesquisa. Na verdade, como Tarallo se debruçou principalmente sobre as resumptivas, ele conseguiu delinear um quadro muito mais amplo que o meu, considerando a influência de vários fatores sobre a estratégia. Conforme mencionado no início dessa seção, a baixa ocorrência dessa forma limita as possibilidades de levantamento de hipóteses que expliquem sua ocorrência. Retomo a discussão sobre as resumptivas na próxima seção, quando será delineado o quadro geral das relativas no PB.

5.5 Considerações sobre o panorama atual das relativas no PB

O estudo diacrônico de Tarallo (1983/1985) sobre as relativas mostrou que, até fins do século XIX, as duas estratégias de relativização do Português eram a padrão e a resumptiva. A cortadora começou a aparecer, por sua vez, nos meados do século XIX; sendo, portanto, a forma inovadora (KATO, 1993, p. 223). Esta dissertação, que também se debruçou sobre o tema em questão, buscou elucidar o comportamento das relativas na atualidade.

A pesquisa confirmou, por meio dos resultados apresentados nas seções 5.2, 5.3 e 5.4, que as variantes padrão e cortadora ocorrem em ambientes distintos.

Esses casos de distribuição complementar não foram computados, portanto, nas rodadas do Varbrul.

Fatores que favorecem a forma padrão desfavorecem a cortadora, conforme ficou provado ao se analisar fatores como função sintática do NP cabeça, existencialidade e número do NP cabeça. Ainda comparando as duas variantes, ficou claro que as locuções prepositivas favorecem a cortadora, a ponto deste ambiente mostrar-se como categórico, não ocorrendo a variante padrão, mesmo na fala de informantes de maior escolarização.

O estudo mostra também que, cada vez mais, a forma cortadora se coloca como uma alternativa plausível à estratégia padrão. Os fatores sociais não indicam qualquer restrição quanto ao uso dessa estratégia, que ocorre na fala de homens e mulheres, de faixas etárias e classes sociais diferentes, conforme mostram os quadros abaixo:

Fator gênero

Fator gênero	Ocorrências/Total	Percentual
H (homens)	14/143	9
M (mulheres)	34/189	17

Quadro 30: Número e percentual de ocorrência do fator gênero em relação à variante cortadora

Fator faixa etária

Fator faixa etária	Ocorrências/Total	Percentual
U (até 25 anos)	18/116	15
W (26 a 49 anos)	11/82	13
Y (acima de 50 anos)	19/134	14

Quadro 31: Número e percentual de ocorrência do fator faixa etária em relação à variante cortadora

Fator escolaridade

Fator escolaridade	Ocorrências/Total	Percentual
J (ensino fundamental/médio)	42/281	14
M (ensino superior)	6/51	11

Quadro 32: Número e percentual de ocorrência do fator escolaridade em relação à variante cortadora

Fator classe social

Fator classe social	Ocorrências/Total	Percentual
A (trabalhadora)	23/137	16
B (média)	25/195	12

Quadro 33: Número e percentual de ocorrência do fator classe social em relação à variante cortadora

Diante do que foi exposto, talvez devêssemos rever o conceito de “padrão”. Até aqui, utilizei esse termo para designar as estruturas apontadas como corretas pela GT. No entanto, se entendermos como padrão as estruturas mais recorrentes entre os falantes, chamaríamos a cortadora de forma padrão diante de locuções prepositivas, uma vez que seu uso parece ser mais comum neste contexto que a forma reconhecida pela GT. Para explicar essa ideia, tomemos os seguintes exemplos:

(5-8) Vi o menino que comeu o bolo.

Em situações como essa, era de se esperar que o termo *que* pudesse ser trocado por outro relativo como *o qual*. No entanto, ao longo do trabalho, percebemos que o falante usa basicamente o *que* para construir suas relativas, ou seja, a estratégia de relativização no PB envolve basicamente o elemento *que*. Esse fato explica a baixa ocorrência dos demais relativos, tais como *o (a) (s) qual (is), quem, cujo e onde*. Tais pronomes acabam sendo selecionados em situações muito específicas, como é o caso das locuções prepositivas, o que podemos comprovar analisando os exemplos abaixo:

(5-9a) Vi a moça com quem você falou.

(5-9b) Vi a moça de quem você falou.

Caso o falante faça a opção pela cortadora, a sentença poderia não ser devidamente compreendida.

(5-9c) Vi a moça que você falou.

Orações construídas dessa forma podem causar prejuízo à comunicação, já que a falta de uma preposição compromete o sentido da sentença. Em contextos como esse, em que o sentido da oração pode ser afetado pela falta da preposição, ou o falante recorre aos pronomes relativos clássicos (e não ao *que*), ou apela para a estratégia resumptiva:

(5-9d) Vi a moça que você falou com ela.

(5-9e) Vi a moça que você falou dela.

A forma cortadora poderia ser explicada pela “Lei do menor esforço” de Martinet (1952) e as resumptivas poderiam se encaixar em outro princípio desse autor, o do “Preservar a comunicação”. Optar pela sentença (5-9c) comprometeria o sentido da oração; uma vez que, não selecionando a preposição, corre-se o risco de não expressar exatamente o que se quer.

Há ainda ocorrências de resumptivas em outros ambientes, nos quais o falante não comprometeria o sentido da sentença, como:

(5-9) Vi um menino que ele comeu o bolo.

Casos assim podem ser interpretados como uma necessidade de o falante marcar o foco, enfatizar o *sujeito*.

A estratégia resumptiva não é uma das mais recorrentes e tal fato pode relacionar-se à preferência da forma cortadora pelo falante. Sabemos que as posições menos acessíveis (*objeto indireto, oblíquos e genitivos*) favorecem a resumptiva. No entanto, devemos considerar que são também essas posições que favorecem a cortadora. Conforme foi demonstrado nos exemplos (5-9), o falante tende a preferir a cortadora (Lei do menor esforço), recorrendo à resumptiva apenas para evitar a ambiguidade do período. Segundo Tarallo (1983), somente nos casos de *genitivo* teríamos o favorecimento da resumptiva em detrimento da cortadora, no entanto, no *corpus* desta pesquisa, não ocorreu essa função.

Outra explicação para a baixa ocorrência da estratégia resumptiva pode ter relação com a estigmatização da forma pelos falantes, principalmente os de maior escolarização, como bem mostram outros trabalhos, como *A gramática do Português falado* (KATO E NASCIMENTO, p. 7, 2009), que comprova a baixa frequência desta estratégia, sendo 10 resumptivas em 701 dados (seis com o pronome em posição de

sujeito e 4 em posição de *objeto direto*). O resultado, segundo os autores, está relacionado com a alta escolaridade das pessoas que serviram de informantes para a pesquisa.

As relativas foram estudadas como um caso de variação no PB, mas os resultados mostraram outra realidade: há pouca variação nessas estruturas, principalmente em relação à cortadora e à forma preconizada pela GT, até então chamada de padrão. Os ambientes em que ocorrem essas duas formas são específicos, na verdade, antagônicos.

6 CONCLUSÃO

O estudo desenvolvido nesta dissertação teve como objetivo analisar o condicionamento das três estratégias de relativização do português falado de Belo Horizonte: a forma padrão, preconizada pela gramática da norma culta, e as duas formas não-padrão, aqui chamadas de cortadora e resumptiva.

A análise foi realizada a partir de dados coletados de entrevistas espontâneas com 21 informantes residentes na capital mineira. Foram considerados os fatores que poderiam influenciar a escolha de uma das estratégias de relativização por parte do falante, tanto os de natureza linguística, quanto extralinguística, de ordem social, já que este é um trabalho construído segundo a teoria da corrente sociolinguística.

De forma geral, os resultados desta pesquisa confirmam os de Tarallo (1983). A seguir, apresento as conclusões a que cheguei após análise dos dados.

Os cálculos desenvolvidos pelo programa *Varbrul* mostraram que os grupos de fatores que favorecem a realização da forma padrão são:

1. Função sintática do NP cabeça

As funções de *sujeito* e *objeto direto* favorecem a estratégia, enquanto *objeto indireto*, *oblíquo* e *termo de sentença com verbo de ligação* inibem a realização da estratégia.

2. Função sintática do NP relativizado

Neste grupo, da mesma forma que no anterior, as funções de *sujeito* e *objeto direto* favoreceram, enquanto *objeto indireto*, *oblíquos* e *termo de sentença com verbo de ligação* inibiram.

3. Existencialidade

Orações não-existenciais favorecem a forma padrão, enquanto as existenciais inibem.

4. Número do NP cabeça

NP cabeça no plural favorece a forma padrão, no singular inibe.

Em relação à forma cortadora, a análise percentual e probabilística dos dados coletados possibilitou concluir que favorecem o fenômeno os seguintes grupos:

1. Função sintática do NP cabeça

O comportamento deste grupo é o oposto do que foi constatado para a forma padrão: as funções de *sujeito* e *objeto direto* inibem a realização da estratégia

cortadora, enquanto as funções de *objeto indireto*, *oblíquo* e *termo de sentença com verbo de ligação* favorecem.

2. Posição da lacuna na relativa

Sendo a lacuna periférica, a estratégia é favorecida; caso contrário, lacuna interna, a estratégia é inibida.

3. Existencialidade

Os resultados apresentados para este grupo também se opõem àqueles encontrados para a estratégia padrão. Orações existenciais favorecem a forma cortadora, enquanto as orações não-existenciais inibem.

4. Número do NP cabeça

NP cabeça no singular favorece a realização da estratégia, no plural inibe. Novamente, os resultados deste grupo se opõem aos da forma padrão.

As locuções prepositivas mostraram-se ambiente categórico para a estratégia cortadora. Diante delas, o falante prefere a forma cortadora à padrão. Essa preferência pela estratégia cortadora encontra respaldo na própria estrutura do Português: SVO. Estando o objeto à direita do verbo, também deveria encontrar-se nessa posição a preposição exigida por ele. No entanto, para a construção da forma gramatical, estratégia padrão, pressupõe-se um movimento do pronome relativo da direita da sentença para a esquerda, arrastando consigo a preposição exigida pela regência do verbo. Esse movimento do pronome, junto com a preposição, não é natural para o falante, por isso mesmo, torna-se mais fácil a deleção tanto do pronome, quanto da preposição, como bem mostrou Tarallo (1983), afirmando que as formas não-padrão são derivadas de um processo de deleção pronominal, enquanto a forma padrão é derivada de um processo de movimento.

A variante cortadora não se mostrou sensível aos fatores sociais, conforme discussão apresentada no capítulo 5, ocorrendo entre homens e mulheres de idade, classe social e nível de instrução diferentes.

De acordo com os resultados obtidos pela análise estatística e probabilística, as formas cortadora e padrão estão em distribuição complementar, uma vez que os ambientes que favorecem uma, inibem a outra. No entanto, seria precipitado estender essa constatação, afirmando ser essa uma realidade da Língua Portuguesa, já que o *corpus* estudado é pequeno.

Em relação às resumptivas, parecem favorecer a realização da estratégia os seguintes fatores:

1. a função sintática do NP cabeça

Neste grupo, o *termo de sentença com verbo de ligação*, os *oblíquos* e o *objeto indireto* favorecem a estratégia, enquanto as funções de *sujeito* e *objeto direto* a inibem.

2. Existencialidade

Orações existenciais favorecem a resumptiva, enquanto as não-existenciais restringem.

3. Gênero

As mulheres parecem favorecer a estratégia, enquanto os homens inibem.

Os resultados encontrados para as resumptivas confirmam os de Tarallo (1983), exceto pelo grupo *gênero*, que foi descartado pelo autor. É importante ressaltar que tivemos apenas 13 ocorrências de resumptivas no *corpus*; entre elas, não houve nenhum caso de *genitivo*, conforme já mencionado na seção 5.4. O número restrito de ocorrências desta estratégia inviabiliza o levantamento de hipóteses.

Analisando os resultados apresentados pelo programa, ficou claro que o condicionamento das variantes não-padrão é estrutural, de ordem sintática, tal qual já havia sido demonstrado por Tarallo (1983).

REFERÊNCIAS

- ALKMIM, Tânia. Sociolinguística – *Parte I*. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003. p. 21-47.
- BASTOS, Wanderli Aparecido. *A relativização no Português do Brasil: a sentença orientada para o discurso*. 2008. 167 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, UNESP, Araraquara, 2008.
- BRESCANCINI, Cláudia Regina. *A análise de regra variável e o programa VARBRUL 2S*. Rio Grande do Sul: EDIPUCRS/PUC-RS, 2002.
- CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic theory*. Oxford: Blackwell, 1995.
- CHOMSKY, Noam. On wh-movement. In: CULICOVER, P. W.; WASOW, T.; AKMAJIAN, A. (orgs.). *Formal Syntax*. Nova York: Academic Press, 1977.
- CHOMSKY, Noam. *Aspectos de la teoría de la sintaxis*. Madrid: Aguilar, 1970.
- CHOMSKY, Noam. *Aspects de la théorie syntaxique*. Paris: Le Seuil, 1971.
- CORRÊA, V. R.. *Oração relativa: o que se fala e o que se aprende no português do Brasil*. 1998. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 1998.
- CUNHA, Celso Luís F.; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- DIK, S. C. *Studies in functional grammar*. London: Academic Press, 1980.
- DIK, S. C. *The theory of Functional Grammar*. Dordrecht-Holland/Providence RI-USA: Foris Publication, 1989.
- DIK, S. C. *The theory of Functional Grammar*. New York: Mouton de Gruyter, 1997.
- FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. *Belo Horizonte e Betim entre os 20 maiores PIBs do Brasil*. Disponível em: <http://www.fjp.mg.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=560&Itemid=125>. Acesso em: 12 jan. 2009.
- GIVÓN, T. *Biolinguistics*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 2002.
- GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1995.
- GIVÓN, T. *On understanding grammar*. New York: Academic Press, 1979.

GIVÓN, T. *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1990. (vols I-II)

GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola editorial, 2007.

IBGE. *Estimativas da população em 2009*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2009/POP2009_DOU.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2009.

IBGE. *Estimativas/Contagem da população 2007*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/contagem2007/popmunic2007/layoutTCU14112007.xls>>. Acesso em: 14 nov. 2007.

KATO, Mary A. *et alii*. As construções-Q no português brasileiro falado: perguntas, clivadas e relativas. *In*: KOCH, I. G. V. (org.). *Gramática do português falado, VI: desenvolvimentos*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. p. 303-368.

KATO, Mary A. Recontando a história das relativas em uma perspectiva paramétrica. *In*: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (orgs.). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. p. 223 – 255.

KATO, Mary A. Teoria sintática: de uma perspectiva de “-ismos” para uma perspectiva de “programas”. *Delta*, São Paulo, v. 13, n. 2, ago. 1997. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php.br>>. Acesso em: 24 jul. 2010.

KATO, Mary A.; NASCIMENTO, Milton do. *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

KEENAN, E. L. Relative clauses. *In*: SHOPEN, T. *Language typology and syntactic description*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 141- 170.

LABOV, William. The interaction of sex and social class in the course of linguistic change. *Language Variation and Change*. 2:205-254 .Reprinted in J., Cheshire and P., Trudgill (eds.), *The Sociolinguistics Reader, Volume 2: Gender and Discourse*. London: Arnold, 1998. Pp. 7-52.

LABOV, William. Field methods of the Project on Linguistic Change and Variation. *In*: BAUGH, J.; SHERZER, J. (eds.). *Language in Use*. Englewood Cliffs: Prentice Hall. 1984.

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: U. of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, William. *The social stratification of english in New York City*. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.

MARTINET, André. Function, structure and sound change. *Word*, Chicago (University of Chicago), abril, 1952. p. 1-32.

MILROY, Leslie. *Language and social networks*. Oxford: Basil Blackwell, 1992.

MIOTO, Carlos; SILVA, Maria Cristina Figueiredo; LOPES, Ruth Elisabeth Vasconcellos. *Novo manual de sintaxe*. 3. ed. Florianópolis: Insular, 2007.

MOLLICA, M. C. Anáforas em relativas no português do Brasil. *Alfa*, São Paulo, v. 41, (n. esp.), p. 171-179, 1997. (UNESP).

MOLLICA, M. C. Sobre processos sintáticos que migram da fala para a escrita. In: FACE, Timothy L.; KLEE, Carol A. (orgs.) *Selected Proceedings of the 8th Hispanic Linguistics Symposium*. Somerville: Cascadilla Proceedings Project, 2006. p. 167-171. (disponível em: <www.lingref.com>. Acesso em: dez. 2010)

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.

ONOFRE, Diana Pilatti. *Trabalhando com GoldVarb 2001*. Disponível em: <<http://www.slideshare.net/dianapilatti/trabalhando-com-goldvarb-2001-diana-pilatti-onofre>>. Acesso em: fev. 2008.

PONTES, E. *O tópico no Português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.

PORTAL TERRA. *Belo Horizonte, a grande roça mineira*. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/turismo/roteiros/2000/10/29/000.htm>> Acesso em: 1 fev. 2008.

PORTAL TERRA. *Ranking das melhores cidades para fazer negócios da América Latina 2009*. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/turismo/roteiros/2000/10/29/000.htm>>. Acesso em: 20 jun. 2009.

TARALLO, Fernando Luiz. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (orgs). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 69-100.

TARALLO, Fernando Luiz. *Relativization strategies in brasilian portuguese*. 1983. 270 f. Dissertação (Doutorado em Linguística) – University of Pennsylvania, Pennsylvania, 1983.

TARALLO, Fernando Luiz. Sobre a alegada origem crioula do Português Brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (orgs). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 35-61.

TERRA, Ernani; NICOLA, José de. *Gramática, literatura e produção de texto para o ensino médio: curso completo*. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2002. (Série Parâmetros)